UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO DE OLIVEIRA SANTOS

A CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA DÊITICA EM CARTAZES DE CAMPANHAS SOCIOEDUCATIVAS

TERESINA
2020

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO DE OLIVEIRA SANTOS

A CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA DÊITICA EM CARTAZES DE CAMPANHAS SOCIOEDUCATIVAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem e cultura.
Linha de pesquisa: Estudos do texto: produção e recepção.

Orientadora: Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva

TERESINA
2020

S237c Santos, Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira.
A construção da referência dêitica em cartazes de campanhas socioeducativas / Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira Santos. – 2020.
105 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, Teresina – PI, 2020.
Área de concentração: Linguagem e cultura.
"Orientadora: Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva."

1. Referenciação. 2. Dêixis. 3. Tipos de dêixis. I. Título.

CDD: 469.02

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB 3ª Região/1188

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO DE OLIVEIRA SANTOS

Esta dissertação foi defendida às 19h30, do dia 30 de setembro de 2020, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ….....APROVADO..... (Aprovado, não aprovado).

Ailma do Nascimento Silva

Professora Dra. Ailma do Nascimento Silva – UESPI
Orientadora

Shirley Marly Alves

Professora Dra. Shirley Marly Alves – (UESPI)
1ª Examinadora

Franklin Oliveira Silva

Professor Dr. Franklin Oliveira Silva – UESPI
2º Examinador

Professora Dra. Bárbara Olimpia Ramos de Melo – UESPI
SUPLENTE

Visto da Coordenação:

Bárbara Olímpia Ramos de Melo

Profa. Dra. Bárbara Olimpia Ramos de Melos
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI

AGRADECIMENTOS

Decidi deixar esta parte por último por acreditar que poderia rememorar toda a minha trajetória até aqui. Desde que me tornei professora sempre quis fazer pós-graduação. Quando decidi fazer a seleção de mestrado da Uespi, eu ainda nem sabia direito o que seria, já que o programa era de uma linha bem diferente da que eu inicialmente queria. Porém estudei, li a bibliografia e fui tentar mesmo com projeto de pesquisa bem destoante. Deu certo. Consegui passar e veio a apreensão pelas aulas, saber como seriam os professores, as dificuldades.

Quando as aulas iniciaram, me senti perdida, com a sensação que não sabia absolutamente nada – ainda penso que não sei muitas coisas, mas agora bem menos que antes. O tempo foi passando, eu fui me adaptando às leituras, discussões, trabalhos. Sempre tive receio de perguntar, opinar em sala sobre temas linguísticos, mas as apresentações orais vieram. Não tinha receita mágica: é sentar, ler, estudar, tomar nota e depois repetir tudo várias vezes. O primeiro período foi passando, parecia que seria super difícil, mas a rotina me ajudou, afinal é a repetição que nos torna bons em algo.

Desde o primeiro semestre, já sabia que teria que mudar completamente meu projeto de pesquisa pois o inicial não se encaixava com o programa. Quando descobri quem seria minha orientadora, fiquei feliz e orgulhosa: era uma professora muito dedicada, com um currículo vasto e bastante experiência. Era a professora doutora Silvana Calixto. Ela me pediu ideias do que eu queria trabalhar, mas não encaixavam as minhas ideias com o programa. Até que ela me propôs um tema: a dêixis em textos verbo-imagéticos.

Agradeço a Deus primeiramente, porque acredito que foi Ele quem me permitiu chegar até aqui, poder olhar para trás e dizer: foi muito difícil, mas deu certo. Nos momentos de hesitação e dúvidas, Ele sempre me dava sinais sobre o caminho a seguir.

No âmbito acadêmico, agradeço imensamente à professora Silvana que foi quem me acolheu e me ofereceu a oportunidade de conhecer e estudar a dêixis. A ela que dedicou sua vida à pesquisa, à academia, ao conhecimento. No meio do processo, ela precisou se ausentar por motivo de doença. Há

aproximadamente um mês ela faleceu. Foi numa segunda-feira estranha. A lembrança dela que ficou foi a de uma mulher humana, forte, perseverante e batalhadora. Era firme quando necessário. Certamente foram estas características que a fizeram perseverar e prosperar na universidade. A ela, minha admiração e gratidão.

Agradeço a minha mãe que sempre foi meu suporte durante toda a vida, que fez promessa para que conseguisse passar na prova. Ela sempre perguntava como estava minha produção, trabalhos. Ela é meu porto seguro na vida e por isso dedico a ela o título de mestra.

Ao professor Franklin que por diversas vezes me orientou, explicou, mostrou-se disponível durante o processo de pesquisa. No período das disciplinas na universidade, era extremamente cuidadoso, responsável e conselheiro, um amigo de toda a turma. A pessoa que me fez, de fato, apreciar e entender a Referenciação. Agradeço imensamente também à professora Bárbara (a atual coordenadora do programa) por suas contribuições de extrema importância no âmbito acadêmico e profissional. Jamais esquecerei os ensinamentos sobre gênero e as leituras difíceis sobre o tema. Sua humanidade e bom humor eram motores para minha caminhada.

À professora Iveuta que foi quem primeiro nos iniciou nas correntes da Linguística, que nos fez estudá-las para dominar o conteúdo e apresentar seminários. Ela nos apresentou a história da Linguística, o que ajudou a permitir que cada um dos estudantes descobrisse sua identificação nesta ciência tão rica e importante. Ao professor Wellington que trouxe contribuições imprescindíveis sobre o imagético, a escrita e o texto, enfim a multimodalidade. Como professora de língua estrangeira, me senti muito contemplada por poder conhecer um pouco a Gramática Visual já que minha pesquisa tem como corpus textos verbo-imagéticos. Agradeço, pois foi por causa da disciplina ministrada por ele que pude fazer descobertas incríveis ao olhar e ler além da imagem.

À professora Ailma que aceitou me orientar e acolher apesar do meu tema não ser sua área específica de pesquisa. Agradeço pela paciência, pelas críticas e correções.

Agradeço a minha grande amiga Amanda que jamais duvidou da minha capacidade, me suportou e me apoiou nas intermináveis conversas sobre as dificuldades e incertezas que tive nesses dois anos. Nos momentos em que duvidei de mim mesma, ela estava lá me dando a certeza do contrário.

À minha amiga e parceira de aventuras Antônia, pela compreensão, apoio, críticas e sábios conselhos sobre a vida. Que eu possa também ser seu ponto de apoio na sua pós-graduação.

À amiga Ana Roberta, minha inspiração no campo profissional pelo exemplo de competência e perseverança, pela amizade, pelo acolhimento e por me acalmar em tempos de tempestade. À amiga Julyana que mesmo de longe orou e rezou muito por mim, aconselhou e me deu gás para continuar a caminhada. Graças também pelos trabalhos e longas chamadas de vídeo.

Às amigas Luna e Ana Cristina pela amizade, apoio e companhia mesmo que virtual e por me prestigiarem na defesa. Às amigas do trabalho Bruna e Elisabeth que estavam sempre dispostas a me estender a mão e me encorajar.

À minha vizinha Fernanda que nos últimos meses acompanhou mais de perto minha dificuldade e insistência quando nada parecia dar certo, dando apoio e palavra amiga. No final, devido à pandemia, foi a única pessoa com quem pude celebrar a defesa da dissertação.

Finalmente a todos da minha turma de Mestrado. Cada um de vocês foi muito importante para que eu chegasse até aqui, em especial Aline e Liviane, com as quais fiz laços mais estreitos de amizade e parceria acadêmica e pessoal. A todas as pessoas que cruzaram meu caminho na trajetória do mestrado e não cabem aqui pois são várias: muito obrigada! Cada um teve sua importância na construção da pesquisa e na minha vida. Todos deixaram lições que espero ter aprendido.

Como último agradecimento: muito obrigada à Linguística de Texto que me permitiu evoluir enquanto pesquisadora, conhecer o processo referencial dêitico e aprender que a imagem comunica tanto quanto ou mais que a palavra.

"Tell me and I forget.

Teach me and I remember.

Involve me and I learn."

(Benjamin Franklin)

RESUMO

A Linguística Textual impulsionou o desenvolvimento dos estudos da referenciação e dos processos referenciais. A referenciação é a construção dos referentes em decorrência da interação que acontece entre enunciador e interlocutor na situação comunicativa. Os referentes são construídos conforme a vivência dos falantes, situação comunicativa e propósitos comunicativos. Os processos referenciais constituem importante componente para a coerência e coesão textual. A dêixis, como processo referencial e objeto de estudo deste trabalho, ao mostrar os referentes no discurso baseado no direcionamento que o enunciador dá, possibilita o apontamento ao objeto de discurso. Destaca-se que apesar de haver divergências, há substancialidade no que se refere à classificação dêitica canônica. Partiu-se do questionamento: De que forma a dêixis é configurada nos textos verbo-imagéticos? Por isso, o presente trabalho tem como objetivo principal: investigar, baseado especialmente nos pressupostos teóricos de Cavalcante (2000, 2005, 2011), Ciulla (2002, 2008), Fonseca (1989) e Leal (2015), a construção da referência dêitica em textos mistos a partir da análise da relação estabelecida entre as porções verbal e imagética do texto e como objetivos específicos: analisar a composição multimodal dos cartazes, descrever os elementos dêiticos presentes nos textos, conforme a classificação dêitica e sua caracterização e analisar a função discursiva das expressões dêiticas no propósito comunicativo do gênero escolhido. Esta pesquisa é do tipo exploratória e descritiva, de cunho qualitativo. Foram selecionados cartazes de campanhas socioeducativas para analisar a ocorrência de dêixis de acordo com os critérios previamente estabelecidos. Inicialmente, abordam-se os conceitos iniciais de texto de base sociocognitiva, referente, referenciação e os de processos referenciais, especialmente o estado da arte da dêixis. Esta parte da pesquisa baseia-se no percurso teórico construído por Cavalcante (2010), Fávero e Koch (2012), Koch (2015), Koch e Elias (2008, 2016) e Mondada e Dubois (2017) Em seguida, foram realizadas as análises da ocorrência de processo referencial dêitico em cartazes que compõem campanhas socioeducativas. Esta iniciativa estende o estudo de tal fenômeno mais comumente abordado em textos verbais a textos verbo-imagéticos do gênero mencionado com a intenção de ampliar esse nicho. Observou-se que a porção imagética do texto é de fundamental importância para a construção de sentido da referência dêitica, fundamentando a efetivação da referenciação através da ostensividade e da subjetividade, claro, sem que isso diminua a importância da parte verbal que também é essencial e constrói o referente, ao mesmo tempo em que o aponta.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação. Dêixis. Tipos de dêixis.

RESUMEN

La Lingüística Textual ha impulsado el desarrollo de estudios de referenciación y de los procesos referenciales. La referenciación es la construcción de referentes como resultado de la interacción que se produce entre enunciador e interlocutor en la situación comunicativa. Los referentes se utilizan de acuerdo con la experiencia de los hablantes, la situación comunicativa y los propósitos comunicativos. Los procesos referenciales son un componente importante para la coherencia y cohesión textual. La deixis, como proceso referencial y objeto de estudio de esta obra, al mostrar los referentes en el discurso a partir de la dirección que da el enunciador, posibilita apuntar al objeto del discurso. Cabe señalar que, aunque haya divergencias, existe sustancialidad respecto a la clasificación canónica deíctica. Se parte del cuestionamiento: de qué manera la deixis se configura en textos verbo-imagéticos. Por ello, el presente trabajo tiene como objetivo principal: investigar, basado especialmente en los supuestos teóricos de Cavalcante (2000, 2005, 2011), Ciulla (2002, 2008), Fonseca (1989) y Leal (2015), la construcción de la referencia deíctica en textos mixtos a partir del análisis de la relación que se establece entre las porciones verbal e imagética del texto e como objetivos específicos: analizar la composición multimodal de los carteles, describir los elementos deícticos presentes en los textos, según la clasificación deíctica y su caracterización y analizar la función discursiva de la deixis en el propósito comunicativo del género elegido. Esta es una investigación exploratoria y descriptiva. Se seleccionaron carteles de campañas socioeducativas para analizar la ocurrencia de deixis según criterios previamente establecidos. Inicialmente se abordan los conceptos iniciales de texto de basis sociocognitiva, referente, referenciación y procesos referenciales, especialmente el estado del arte de la deixis. Esta parte de la investigación se basa en el camino teórico construido por Cavalcante (2010), Fávero y Koch (2012), Koch (2015), Koch y Elias (2008, 2016) y Mondada y Dubois (2017). A continuación, se realizaron análisis de la ocurrencia del proceso referencial deíctico en carteles que componen campañas socioeducativas. Esta iniciativa extiende el estudio de tal fenómeno más comúnmente abordado en textos verbales a textos verbo-imagéticos del género mencionado con la intención de expandir este apartado. Se observó que la porción imagética del texto es de fundamental importancia para la construcción de sentido de la referencia deíctica, fundamentando la efectuación de la referenciación a través de la ostensión y de la subjetividad pues es a través de ella que se percibe la efectividad de la remisión, por supuesto, sin que eso disminuya la importancia de la parte verbal que también es esencial y construye el referente, a la vez que lo apunta.

PALABRAS CLAVE: Referenciación. Deixis. Tipos de deixis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6
2 A REFERENCIAÇÃO E O PROCESSO REFERENCIAL DÊITICO 10
2.1 Referenciação 10
2.2 Dêixis 17
2.3 Os tipos de dêixis 27
2.3.1 Dêixis pessoal 27
2.3.2 Dêixis social 28
2.3.3 Dêixis temporal 30
2.3.4 Dêixis espacial 31
2.3.5 Dêixis textual 32
2.3.6 Dêixis de memória 34
2.3.7 Dêixis modal 35
2.3.8 Dêixis fictiva 35
3 A NOÇÃO DE TEXTO NA LINGUÍSTICA TEXTUAL 43
3.1 Texto 43
3.2 Gênero: conceitos 56
3.3 O gênero cartaz 65
4 METODOLOGIA E ANÁLISE DO CORPUS 71
4.1 Natureza e tipo de pesquisa 71
4.2 Procedimentos metodológicos 72
4.2.1 Procedimentos de coleta 73
4.2.2 Procedimentos de análise 74
4.3 Análise dos dados 75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 96
REFERÊNCIAS 99

1 INTRODUÇÃO

A ideia da existência de uma perfeita correspondência entre as palavras e o mundo sempre permeou o senso comum. As palavras servem como rótulos para as coisas do mundo e sua razão de ser é apenas para falar sobre esses objetos. Não se percebe, muitas vezes, como um mesmo objeto pode ser visto de forma diferente e, desse modo, com um sentido único, seja ele positivo ou negativo. Uma bola é só um objeto redondo para jogos, o cavalo é um animal que ajuda o homem em atividades no campo. A razão do nome do signo é simplesmente arbitrária. No entanto, um olhar mais atento permite dizer que esse pensamento é ilusório. As palavras podem adquirir diversos sentidos a depender do uso e é a língua que está a serviço do usuário para cada um desses sentidos.

Os estudos da referenciação dentro da Linguística Textual ganharam destaque nos anos 1990, com destaque para trabalhos como o de Mondada e Dubois (2017[1995]), que foram as primeiras pesquisadoras a utilizar o termo referenciação. A referenciação é uma atividade de construção de referentes, depreendidos por meio de expressões (linguísticas, imagéticas) específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais (CAVALCANTE, 2011). Para Koch (2018), trata-se de uma atividade discursiva. Ou seja, no discurso os referentes são (re)formulados. Esta ideia de construção coincide quando se fala em referente/ objetos do discurso e referência também e promoveu a reflexão sobre os processos referenciais, entre eles a dêixis e o avanço do estado da arte. Os processos referenciais constituem importante elemento para coerência e coesão textual, daí a importância de reconhecê-los para fazer bom uso de uma ferramenta indispensável na linguagem, que é o texto.

A dêixis, um fenômeno cuja definição vem de Bühler (1950), consiste no ato de mostrar ou indicar o referente através de expressões referenciais na situação comunicativa tendo como origem: o enunciador, seu tempo e espaço. O autor abordou o campo mostrativo e simbólico da linguagem e instaurou os pilares da dêixis que deram origem à classificação dêitica canônica: pessoa, tempo e espaço. A partir disso, autores como Lahud (1979) e Fillmore (1997) trataram de discutir e ampliar o tema. O último ampliou os tipos dêiticos acrescentando a dêixis discursiva e a social.

A ocorrência do processo referencial dêitico tem sido mais verificada e explorada em textos verbais. Trabalhos em que se observou a ocorrência e /ou análise de dêixis em textos mistos também existem, porém em menor proporção até porque o objeto de estudo não era esse (SOUSA, 2005; SILVA, 2014; MARTINS, 2019). Esses trabalhos tinham a intenção de analisar a referenciação ou os processos referenciais em textos de diferentes configurações, sem se ater, exclusivamente, à dêixis ou à análise da dêixis em textos verbo-imagéticos. Embora haja valiosos trabalhos no campo da referenciação, cujo objeto de análise são também textos verbo-imagéticos, até pouco tempo havia poucas menções à porção não-verbal ou pesquisas sobre. Assim, este trabalho objetiva investigar e analisar a ocorrência do processo referencial dêitico em textos multimodais, especificamente o gênero cartaz. Parte-se da constatação de que não há numerosos trabalhos nos quais se analise a construção da referência dêitica e suas características em textos mistos. Para tanto, faz-se necessário a partir das pesquisas realizadas, principalmente por Cavalcante (2000, 2011), Ciulla (2002, 2008) e Fonseca (1989), apresentar o processo dêitico com sua definição e a classificação existente. Adotamos a classificação abordada por Cavalcante (2011) e Martins (2019).

Considerando que a referenciação como atividade acontece no texto, é importante destacar que o percurso histórico para que se tenha a concepção atual de texto como entidade multifacetada permite compreender melhor os processos mentais que acontecem para construção de sentido. Para tanto, serão abordados os conceitos de texto desde as gramáticas de texto até a perspectiva sociocognitivista da Linguística Textual, conforme Koch (2018).

O estudo da referenciação, do processor referencial dêitico e do gênero e suas distinções em relação a texto, suporte, estrutura, domínio discursivo e sequência textual ajuda na concepção de gênero propriamente dito e traça o perfil do objeto de estudo eleito para esta investigação: a dêixis em cartazes de campanha socioeducativa.

O cartaz é um gênero bastante popular e tradicional, usado desde a sua origem com diversos fins. Por ser do domínio discursivo publicitário, tem um apelo imagético protuberante e as funções da linguagem predominantes são a referencial e a conativa. Quando se fala de cartazes de campanhas

socioeducativas, apesar de ter propósito comunicativo diferente de um cartaz de divulgação de serviço ou produto, as estratégias utilizadas pelo enunciador também se coadunam com as de fins comerciais. A intenção, no caso das campanhas socioeducativas, é de gerar um comportamento esperado, promover reflexão. A escolha do objeto de pesquisa foi motivada pela riqueza presente em cartazes, tanto visual quanto linguística, pela grande circulação que tem gênero, além do prestígio que gozam as instituições públicas selecionadas, devido ao seu discurso de autoridade e da função social das próprias instituições.

O ponto de partida desta pesquisa foi a questão: De que forma a dêixis é configurada nos textos verbo-imagéticos? Para tanto, o objetivo principal do trabalho é investigar a construção da referência dêitica em textos mistos, a partir da análise da relação estabelecida entre as porções verbal e imagética do texto Os objetivos específicos são: analisar a composição multimodal dos cartazes, descrever os elementos dêiticos presentes nos textos, conforme a classificação dêitica e sua caracterização e analisar a função discursiva das expressões dêiticas no propósito comunicativo do cartaz de campanha socioeducativa.

Na intenção de alcançar os objetivos a que se propõe este trabalho, foi realizada a busca e coleta de textos mistos constituídos de algum elemento dêitico em sua configuração, para posterior análise dos aspectos verbais e imagéticos que contribuem na construção de sentido. Acredita-se que a porção imagética é parte fundamental desse processo e também deve ser analisada o efeito de sentido produzida por ela.

Este trabalho está constituído de cinco capítulos. O capítulo inicial é a própria introdução em que são feitos movimentos retóricos para apresentar o trabalho e a teoria em que se fundamenta, evidenciar lacunas que originaram a pesquisa, método e estrutura.

O capítulo 2 trata da referenciação. A partir de uma pequena revisão da literatura do que se entende hoje por referenciação, discorre-se sobre o conceito de dêixis enquanto processo referencial e a seguir sobre os tipos dêiticos.

O capítulo seguinte aborda o texto na concepção sociocognitiva, os conceitos de gênero e suas características e, finalmente, o gênero cartaz. Nesta seção fala-se sobre a história do cartaz e suas características.

No capítulo 4, após descrição de todo o percurso metodológico adotado para esta pesquisa, parte-se para a análise do *corpus* que se compõe de cartazes de campanhas socioeducativas sobre diferentes temas atuais. Adota-se a perspectiva de que a dêixis acontece também em textos verbo-imagéticos e que nesses casos, pode haver o apontamento para a imagem, o que contribui para a interpretação textual.

Nas considerações finais, alguns conceitos importantes para a pesquisa são retomados, há a constatação, baseada nas análises, de que a construção de sentido da referência dêitica acontece também nos cartazes de campanhas socioeducativas. O apontamento de elementos verbais dêiticos para a imagem e a subjetividade atestando que o processo referencial dêitico imbrica múltiplas semioses.

2 A REFERENCIAÇÃO E O PROCESSO REFERENCIAL DÊITICO

Nesse capítulo, aborda-se a referenciação que é um processo de papel fundamental na tessitura do texto/ discurso. Constitui-se de maneira natural no nível cognitivo, mas está permeada pelas experiências, pelos propósitos comunicativos do enunciador e necessita do interlocutor para que se concretize o processo. Em seguida, detalha-se o processo referencial dêitico visto que é o foco deste trabalho.

2.1 Referenciação

Mondada e Dubois, na década de 1990, foram as primeiras pesquisadoras a utilizar o termo referenciação, que diz respeito, segundo Rastier (1994, apud MONDADA e DUBOIS, 2017, p. 20), a "uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado". As autoras se apoiam no autor para explicar que a referenciação – um processo que já existia, mas não tinha este nome – acontece a partir da relação entre o que está expresso no texto e o que surge a partir das negociações do que está bagagem sociocognitiva dos participantes na situação discursiva. Mondada e Dubois (2017, p. 35) concebem a referenciação como "uma construção colaborativa de objetos de discurso – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas". É importante destacar a diferença entre referente e referência, que na Filosofia da linguagem, antes mesmo de ser objeto de estudo de áreas da Linguística, tinham outro significado. O referente era anterior ao texto, eram etiquetas exteriores ao texto pois não, necessariamente, precisavam dele para existir. A referência, por sua vez, era a relação entre as palavras e as coisas do mundo, sendo estas etiquetadas pelas palavras – referentes. Hoje, na Linguística de Texto, admite-se que o referente são os objetos de discurso construídos e/ou reconstruídos no discurso e referência é a construção coletiva a partir da interação entre falante e interlocutor ou enunciador e coenunciador (CAVALCANTE, 2011).

O referente também não deve ser confundido com o sentido denotativo das palavras pois os significados já são "conhecidos", na maioria das vezes, pelos falantes e o referente é elaborado em um co(n)texto para existir e ser

compreendido. Os referentes têm papel fundamental na produção e organização textual porque promovem a progressão textual. Até a escolha do vocabulário interfere na visão construída do referente tanto pelo enunciador quanto pelo interlocutor.

Koch (1999, p. 75) afirma que “a referenciação é uma atividade cognitivo-discursiva e interacional”, ou seja, é o ato de referir considerando a bagagem sociocognitiva dos partícipes da situação discurvisa. Consiste numa construção de referentes, que os falantes vão realizando ao longo do discurso, diretamente influenciada pelos aspectos sociais, cognitivos e culturais que cada agente traz consigo para os enunciados. “É na dimensão da percepção/cognição que se fabricam os referentes, os quais, embora destituídos de estatuto linguístico, vão condicionar o evento semântico” (Koch, 2015, p. 92). O referente está, portanto, fora da linguagem, acontece na cognição, através da percepção. Daí compreende-se o fato de um mesmo objeto de discurso ser categorizado de maneira diferente em situações diferentes ou por enunciadores distintos. Exterior ao texto, há os objetos de mundo, que são as coisas do mundo, os seres propriamente ditos. Quando essas “coisas” aparecem em determinados contextos, tornam-se objetos de discurso ou referentes.

Cavalcante (2012, p. 103) afirma que “a atividade de referenciação é uma elaboração da realidade” porque o enunciador e o interlocutor vão (re)construir os objetos do discurso ao longo da enunciação através dos seus “óculos sociais” (termo tomado de empréstimo por CAVALCANTE, 2011), da sua percepção de realidade a partir da sua intenção e do seu propósito comunicativo. De modo que diferentes sujeitos criam diferentes versões da realidade. Isso remete à noção de Mondada e Dubois (2017[1995]) sobre a referenciação: a realidade não se apresenta pronta e acabada. Portanto, os objetos do discurso não são estáticos, se caracterizam pela desestabilização/ instabilidade.

A autora (2012, p. 108) conceitua “a atividade de referenciação é uma negociação entre os interlocutores”. Na visão da própria autora, este conceito pode induzir ao subjetivismo na crença de que os usuários da língua se expressam da forma que querem. A realidade não é exatamente assim. Os objetos de discurso vão sendo construídos ao longo da interação entre os participantes e dependem do ‘*feedback’* do interlocutor. É um acordo tácito que

vai sendo tecido de acordo com a resposta do outro, com o entendimento que se ergue na enunciação.

Por último, Cavalcante (2012, p. 111) denomina “a atividade de referenciação é um trabalho sociocognitivo”. Na construção de referentes, o enunciador e o interlocutor necessitam ativar conhecimentos anteriores formados socialmente. Aliando isto às pistas presentes atinge-se o objetivo maior, que é a comunicação entre os participantes da interação.

Cavalcante (2012, p. 113) resume:

> O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, **sociocognitivamente motivadas**, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de **elaborar as experiências vividas e percebidas**, a partir da **construção compartilhada** dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s). (grifos da autora)

Na visão da autora, a dinamicidade da referenciação baseia-se no fato de que os objetos de discurso são construídos, alterados e reconstruídos na interação, de acordo com a bagagem social e cognitiva do enunciador e de seu interlocutor. A realidade existe fora do discurso e os objetos do mundo também, porém no processo comunicativo, recria-se estes elementos, segundo tudo o que já foi experenciado pelos participantes da comunicação.

Para Mondada e Dubois (2017), os sujeitos constroem versões públicas do mundo, pelas práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente. As categorias e os objetos de discurso (referentes) são criados no curso das atividades dos sujeitos e se transformam a partir do contexto. Portanto, estas categorias e referentes são caracterizadas por uma instabilidade que lhes é inerente.

Mondada e Dubois (2017) apontam que para o senso comum, existe uma perfeita correspondência entre o mundo e a língua e que esta representa, de maneira fidedigna e acabada, o mundo. Porém, uma observação mais atenta permite inferir que os objetos de mundo quando inseridos no discurso tornam-se objetos de discurso e a partir do momento em que são inseridos no discurso, estão sendo transformados, ora pelo próprio enunciador e ora pelo interlocutor. Isto é o que as linguistas chamam de “colaboração interacional”, já que ambos estão modificando os objetos de discurso. Dessa forma, observa-se que há a

“não-concordância entre as palavras e as coisas, e a referenciação emerge da exibição desta distância, da demonstração da inadequação das categorias lexicais disponíveis”. (MONDADA E DUBOIS, 2017, p. 33)

Mondada e Dubois (2017) tratam da referenciação abordando a instabilidade das categorias. Elas observam e demonstram a relativa discricionariedade dos objetos de discurso tanto em situações comunicativas orais quanto escritas e atribuem esta característica ao uso que os interlocutores fazem da língua. Esta constatação é importante pois corrobora com a ideia de que os objetos de mundo não vêm etiquetados de maneira definitiva. Como no conhecido caso da cenoura, que teve sua categoria alimentar alterada de legume ou raiz para fruta com o intuito de permitir que Portugal exportasse compotas de cenouras, já que compota, para eles, é uma mistura doce de frutas.

As autoras (2017) concebem a referenciação como o processo em que os objetos de discurso são construídos, de maneira colaborativa, através dos interlocutores, seja por meio de suas experiências ou atividades sociais e cognitivas. Posicionamento já reiterado por Cavalcante (2012).

Custódio Filho (2011, p. 116) ratifica esta visão e afirma:

> O postulado da construção colaborativa casa muito bem com outro pressuposto, o da instabilidade constitutiva da língua e das coisas. Sendo língua e coisas instâncias inerentemente instáveis, tem-se que a produção do sentido só ocorre em cada texto, quando cada um é produzido.

Apesar de haver várias situações em que se percebe a instabilidade das categorias, existem formas de garantir a estabilização no processo de referenciação. Uma destas formas, segundo Mondada e Dubois (2017) é o protótipo que se torna um objeto ao ser compartilhado e passa a ser chamado de estereótipo. Ele consiste numa nomeação dada a algo que se convencionaliza e se estabiliza. Quando se fala de referenciação, o estudo de categorias é algo elementar e dentro deste universo está o protótipo. Enquanto as categorias são classificações baseadas na forma como se vê e se percebe o mundo, os protótipos são parte de uma categoria. Em decorrência disso, agrupam-se os objetos de mundo segundo suas semelhanças sob algum aspecto. Por sua vez, as anáforas que também são consideradas pelas autoras como uma estabilizadora de objetos de discurso, o fazem ao “focalizar uma denominação particular, excluindo para isso outras possibilidades” (MONDADA E DUBOIS,

2017, p. 43). Outra maneira é a inscrição, que pode ser através da escrita, imprensa, imagem. São ao mesmo tempo estruturas móveis e imóveis, visto que podem circular em diferentes lugares, mas são fixas no espaço. Quando as autoras apontam esses elementos como estabilizadores, significa que eles se tornam objetos de discurso inseridos em uma situação comunicativa e, portanto, são apresentados dentro de uma categoria, dotados de características.

Na visão de Custódio Filho (2011), estas formas de estabilização são de caráter social e relativamente proibitivas para os interlocutores, posto que apesar de o objeto de discurso ser criado sociocognitivamente dentro da enunciação, ele não está inteiramente ao dispor do enunciador para quaisquer alterações, excetuando-se as motivadas e em 'comum acordo' com o interlocutor.

A questão fundamental é que a referenciação não é exatamente uma descrição fiel do real, das coisas do mundo e sim de como os interlocutores apreendem o mundo, é a sua percepção, daí entende-se melhor a instabilidade e as formas de estabilização, visto que, conforme já foi dito, diferentes enunciadores podem ter diferentes visões sobre o 'mesmo' objeto de discurso. Sobre isso, Cavalcante (2011, p. 136) afirma que a maneira como o enunciador se refere aos objetos de discurso depende "do grau de saliência que eles possam ter a cada momento da enunciação, além dos propósitos argumentativos pretendidos, do contexto sócio-histórico envolvido, das restrições da situação comunicativa imediata". Porém, há que se chamar atenção para a percepção do enunciador. A inserção de um objeto de discurso na situação comunicativa obedece a alguns critérios, pois embora o referente não seja um perfeito reflexo do objeto de mundo, ele se apoia neste e, somado a isto, em todos os outros itens sociais e cognitivos que auxiliam na construção do objeto de discurso. Custódio Filho (2011, p. 123) conclui: "O objeto de discurso apresenta duas faces (concorrentes, não excludentes): de um lado, resulta de escolhas dos indivíduos; de outro, está restrito a constrições diversas. Em outras palavras: as escolhas, embora múltiplas, não são infinitas." Isso implica dizer que dentro de um contexto, existem acepções possíveis para um referente, sejam elas positivas ou negativas, a depender da percepção dos participantes da situação, porém essas acepções são limitadas, apesar de variadas.

Para Custódio Filho (2011, p. 117), "a construção colaborativa é constitutiva de qualquer situação comunicativa". O autor argumenta sobre a

construção do referente em comunicações síncronas e assíncronas quando comenta os postulados da referenciação. As síncronas são as que o interlocutor pode dar o feedback de maneira instantânea (normalmente na oralidade) e, portanto, a negociação entre eles é mais perceptível, evidente. Nelas, o texto é costurado pelos participantes à medida que vai se construindo.

Na comunicação assíncrona (tipicamente escrita) ainda que não haja o diálogo entre as partes no exato momento da construção, o enunciador utiliza artifícios para manter a "construção colaborativa", como se antecipar ao interlocutor e negociar indiretamente com ele.

Custódio Filho (2011, p. 121) conceitua o processo de referenciação:

> (...) como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelo sujeito à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s).

Portanto, a referenciação é um processo permeado pelo sociocognitivismo, pois os objetos de discurso são formados também a partir de fatores sociais e por meio do acesso ao conhecimento que os interlocutores já trazem consigo. Compreender esses conceitos é fundamental para perceber em que nicho está assentada esta pesquisa e, posteriormente, perceber a materialização dos termos no capítulo destinado às análises.

Custódio Filho (2011) argumenta que existem, atualmente, duas tendências para o fenômeno da referenciação que se complementam. Elas apenas têm focos diferentes. Inicialmente, as pesquisas sobre referenciação versavam sobre o processo referencial anafórico, cuja única função seria identificar o referente e suas classificações. A dissolução da ideia engessada que a linguagem retrata a realidade de maneira 'crua' e a concepção de que os referentes têm uma importância que ultrapassa os limites de simples identificação foram algumas das importantes contribuições. Já na segunda tendência, há o questionamento sobre alguns processos e a observação de alguns aspectos da referenciação, amparados na perspectiva sociocognitiva-discursiva. Aspectos que vão desde indagações sobre a maneira como os elementos utilizados para a construção dos referentes são acionados até a forma como estes referentes são construídos e contribuem para a construção de sentido.

Para finalizar esta seção, adotam-se dois exemplos de Custódio Filho (2011, p. 112) para demonstrar a discricionariedade da referenciação e de que forma ela se materializa no texto.

(1) O Departamento de Polícia Federal (DPF ou PF) é um órgão subordinado ao Ministério da Justiça, cuja função é, de acordo com a Constituição de 1988, exercer a segurança pública para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

A Polícia Federal, de acordo com o artigo 144, parágrafo 1º da Constituição Brasileira, é instituída por lei como órgão permanente, organizado e mantido pela União e estruturado em carreira. Atua, assim, na clássica função institucional de polícia. [...]

Após 2003, houve uma intensificação dos trabalhos da Polícia Federal a partir de uma reestruturação iniciada pelo Governo Federal, o que desencadeou uma onda de prisões de quadrilhas de criminosos especializados em fraudes eletrônicas na internet e em cartões de débito e crédito, de sonegadores ligados à corrupção e à lavagem de dinheiro, entre outros, e esbarrou em políticos, tanto ligados ao Governo quanto em adversários. Alguns analistas chegam a afirmar que a pressão da Polícia Federal teria levado Roberto Jefferson a denunciar o Mensalão.
(Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADcia_federal. Acesso em 1 jul. 2009.)

(2) O brasileiro já se acostumou a ligar o noticiário da TV para assistir ao desfile de carros da Polícia Federal, de onde saem homens parrudos de colete negro para algemar cidadãos apanhados de surpresa em suas casas e escritórios, além de carregar computadores e pilhas de documentos. Promovidas com previsível espalhafato, essas ações costumam receber nomes poéticos, como Operação Pasárgada, destinada a apurar fraudes em prefeituras, ou sensacionalistas, como a Operação Sanguessuga, que investigou desvios na compra de ambulâncias, ou mesmo de inspiração infantil, como Pinóquio, em torno de crimes ambientais.
(*Época*, 14 jul. 2008, p. 41.)

Conforme pode-se observar, ambos os textos têm o mesmo objeto de discurso: a Polícia Federal (PF) e os indivíduos que são alvo de suas operações. Porém a forma como são apresentados e categorizados é bem diferente.

No texto (1), o tom é respeitoso no que tange à instituição. Fica claro que, para o enunciador, a PF é idônea, ilibada e cumpridora da lei. Os alvos de suas operações são “criminosos especializados”, “sonegadores ligados à corrupção”. No entanto, no texto (2) o referente PF é categorizado de maneira desdenhosa, os agentes são vistos como figuras que, de certa forma, ‘abusam’ do poder que têm, que agem com alarde e os investigados por suas operações são apresentados como “cidadãos apanhados de surpresa”. São tratados como ‘vítimas’ do excesso da PF.

É interessante observar nestes exemplos que a realidade se constitui de maneira diferente porque parte da percepção dos enunciadores que é distinta e é exatamente neste ponto que se verifica o processo de construção da referenciação. Esta se materializa através de processos referenciais, a saber: introdução referencial, anáfora e dêixis.

A introdução referencial é o mais simples dos processos referenciais, a grosso modo. Consiste na primeira vez em que o referente aparece no enunciado, quando ele é introduzido no discurso sem ter uma âncora (algo anterior que se relacione diretamente a ele). Para Silva (2014, p. 127), "diz respeito às expressões referenciais que foram preliminarmente introduzidas no contexto sem que nenhuma outra expressão as tenha evocado anteriormente".

A anáfora está relacionada a uma continuidade, progressão referencial. Constitui um importante elemento para a coerência e coesão textual, evitando, por vezes, a repetição de um mesmo termo. Ela retoma objetos do discurso já mencionados explicitamente ou não e pode também apresentá-los. De maneira geral, há as anáforas diretas, as indiretas e as encapsuladoras.

Por último, a dêixis que é um processo referencial com várias classificações que aponta, faz referência à situação enunciativa em torno do emissor. São palavras ou expressões que adquirem sentido completo dentro do co(n)texto considerando o enunciador, o local e o tempo da enunciação. Por ser o objeto de análise deste trabalho, será abordada com mais profundidade na próxima seção.

2.2 Dêixis

A palavra "dêixis", segundo o dicionário *online* Infopédia, é de origem grega, porém sua raiz está numa palavra latina e significa "mostrar, apontar". Portanto, a ostensão é a característica fundamental da dêixis. Alguns autores, a exemplo de Jespersen, Russell e se referiram, no passado, a *embrayeurs/ shifters* (algo que varia, muda) ou ainda indicadores, como uma classe semelhante à dos dêiticos. Isso fica claro quando se afirma que "são palavras cujo sentido varia com a situação"[1]. Na verdade, diferentes autores adotaram

[1] « Pour Jespersen (et aussi Russell), ce sont 'des mots dont le sens varie avec la situation' (du locuteur). » (LAHUD, 1979, p. 25, tradução nossa)

diferentes nomenclaturas para “fenômenos” muito semelhantes com o que hoje se conhece por dêixis.

O primeiro autor a definir dêixis foi Bühler (1950 [1934]). Tomando por base a etimologia da palavra, o autor entendeu que os gestos também tinham importância no ato de apontar para algo na situação comunicativa. Ao discorrer sobre linguagem por um viés psicológico, ele a dividiu em campo mostrativo e simbólico.

No campo mostrativo, o linguista observou que a linguagem é flexível já que através do uso de determinadas classes de palavras – como advérbios ou demonstrativos – há mudança no local da enunciação, no enunciador ou no tempo da enunciação. O enunciador guia, de maneira intencional, o olhar do interlocutor para si mesmo ou para o tema da conversação (BUHLER,1934[1950]).

Bühler (1950 [1934]) baseou seus estudos partindo de Wegener e Brugmann que abordaram de maneira mais profunda a função dos demonstrativos classificando-os como sinais. Os substantivos, na visão de Buhler, são símbolos. Porém diversas classes gramaticais podem ter caráter ostensivo:

> Eles também são *símbolos* (não somente sinais); um *aqui* ou *ali* simboliza, nomeia um domínio, nomeia o lugar geométrico, por assim dizer; ou seja, uma zona em torno do enunciador em cada caso, na qual se pode encontrar o que foi apontado, da mesma forma que a palavra *hoje* nomeia de fato o conjunto de todos os dias em que pode ser dita, e a palavra *eu* todos os possíveis emissores de mensagens humanos, e a palavra *você* a classe de todos os interlocutores como tais. Mas apesar disso subsiste uma diferença entre estas palavras e as demais; consiste em conservar em cada caso sua exatidão significativa do campo indicativo da linguagem e do que o campo indicativo pode oferecer aos sentidos. (BUHLER, 1950, p. 105-106 tradução nossa)[2]

Neste trecho, Bühler (1950 [1934]) exemplifica palavras que apontam o referente na situação enunciativa. Observamos advérbios, pronomes pessoais com função ostensiva. O autor explica que enquanto símbolos, as palavras

[2] “También ellos son *símbolos* (no sólo señales); un *aquí* o *allí* simboliza, nombra un dominio, nombra el lugar geométrico, por decirlo así; es decir, una zona en torno al que habla en cada caso, en la cual puede encontrarse lo señalado; del mismo modo que la palabra *hoy* nombra de hecho el compendio de todos los días en que puede ser dicha, y la palabra *yo* todos los posibles emisores de mensajes humanos, y la palabra *tú* la clase de todos los receptores como tales. Pero a pesar de esto subsiste una distinción entre estos nombres y los restantes nombres del lenguaje; consiste en que guardan en cada caso su precisión significativa del campo indicativo del lenguaje y de lo que el campo indicativo puede ofrecer a los sentidos.” (BUHLER, 1950, p. 105-106)

conservam seu significado, porém no ato comunicativo os referentes vão se alterando numa “área” que existe ao redor do enunciador e do que ele aponta. É interessante perceber também que ele cita os três pilares da *origo* (que é o ponto zero da enunciação, o ponto de partida: pessoa, tempo e espaço) quando expressamente menciona *eu*, *aqui*, *hoje*. Estes são os que deram origem à classificação dêitica tradicional: pessoal, espacial e temporal.

Lahud em sua obra “A propósito da noção de dêixis” (1979) propôs-se, como o próprio título demonstra, a explicar o conceito de dêixis, bem como as diversas nomenclaturas, apesar de adotar, de forma geral, a palavra ‘dêiticos’ para se referir ao fenômeno. O termo, na tradição gramatical, aplicava-se apenas aos demonstrativos.

O autor afirma, seguindo a esteira de outros autores que já se referiam ao que hoje se conhece como dêiticos, tratar-se de palavras que “embora tenham uma significação constante, mudam, sistematicamente, de referência, conforme as mudanças nas “condições de sua elocução”” (LAHUD, 1979, p. 68). Cabe mencionar que para Lahud os dêiticos são símbolos-índices (nomenclatura inicialmente adotada por Pierce ‘*indexical symbols*’), símbolos por já terem significado convencionalizado e índices porque é na situação comunicativa que vão adquirindo sentido e tornam-se objetos de discurso.

Para Lahud (1979, p. 73), “o referente de um dêitico é um lugar vazio que pode ser ocupado por todos os “particulares” capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão.” Neste trecho reitera-se a ideia de que dêiticos são índices cujos referentes são construídos/ reconstruídos ao longo da situação enunciativa através da relação entre o locutor, o discurso e o interlocutor. Enquanto índices não tem significação, mas a adquirem a cada remissão no discurso, são particulares, individuais. Como símbolos possuem uma significação e é justamente isso que torna viável a referência.

Em busca de uma caracterização mais completa, Lahud (1979) afirma que a cada nova ocasião em que o objeto de discurso aparece referenciado, ele se apresenta atualizado, resultando num objeto diferente. É na manutenção do discurso que este processo acontece.

Conforme veremos, nas seções seguintes, em Cavalcante (2000) uma das características mais marcantes do processo referencial dêitico e inerente a ele é a remissão a palavras, a ostensão. Algo ao qual Lahud (1979) já se referia,

utilizando autores anteriores a ele como Jespersen (1922) que adotou a nomenclatura de *shiftters* para se referir aos dêiticos.

Outro ponto importante abordado em Lahud (1979) é a correlação de personalidade de Benveniste (1976) em que se opõem as pessoas *eu/ tu* a não pessoa *ele* (a terceira pessoa). A pessoa *ele* pode referir-se a qualquer coisa, por sua não-unicidade, amplitude, variedade, infinidade de sujeitos ou nenhum e, consequentemente, tem sua objetividade prejudicada se comparada às pessoas eu e tu. O par 'eu-tu' no discurso tem referência constante, precisa e vão se alternando, o que não acontece entre com o 'ele' visto que este "em si não designa especificamente nada nem ninguém" (Benveniste, 1976, p. 253). A terceira pessoa designa coisas da realidade objetiva, enquanto que o *eu* e o *tu* designam a realidade do discurso. O ele representa e a 1ª e 2ª pessoa "são signos de uma "relação ao ato de fala"". O eu-tu possuem a marca de pessoa, o ele é privado dela.

Lahud (1979, p.114) resume a concepção dos dêiticos para Benveniste afirmando que:

> Os dêiticos são signos que não podem ser convenientemente descritos sem referência ao *emprego* que deles é feito pelo sujeito falante: em outras palavras, para ele, não se trata simplesmente de signos que "descrevem" por si próprios uma relação entre o enunciado e a enunciação, mas de elementos cuja função é permitir ao *sujeito que os enuncia*, e no momento em que os enuncia, de *instaurar essa relação*, de vincular seu enunciado ao seu próprio "dizer".

O enunciador tem um papel fundamental nesta perspectiva, pois são os usos que o sujeito fará dos elementos disponíveis que constituirão os objetos de discurso na situação comunicativa. Obviamente, os dêiticos estabelecem uma relação com os referentes.

Para Benveniste (1976), os dêiticos são "indicadores de ostensão", algo reiterado algumas vezes na obra de Lahud(1979). É na situação enunciativa que adquirem sentido e razão de ser por apontarem, mostrarem, designarem os objetos de discurso. Além de pronomes pessoais, demonstrativos, advérbios, entre outros, os verbos também podem indicar/ mostrar os referentes na situação discursiva, porém autoras como Cavalcante (2000) admitem não ser seu objeto de interesse.

A visão de Lahud sobre a dêixis se assemelha bastante à de Benveniste devido a sua estreita relação com a enunciação e à diferença que ambos fazem,

por exemplo, dos pronomes pessoais. Discute-se ainda a diferença entre anáfora e dêixis, especialmente no que diz respeito ao uso do pronome de 3ª pessoa, que, *a priori*, é apenas anafórico. Para o autor, a referência ocorre de maneira distinta nos dois processos referenciais, apesar de que ao considerar os dêiticos como indicadores referenciais, equiparam-se as funções. O que os difere são as 'condições de realização'. Enquanto que na anáfora, o referente se apoia no elemento precedente – à época da obra, havia diferentes nomenclaturas a depender da posição do referente, na dêixis "a referência se efetua por relação às circunstâncias" (LAHUD, 1979, p. 119).

Há expressamente a indicação de autores como Russell e Jespersen que abordaram a dêixis – mesmo figurando com outros nomes – sob uma perspectiva psicológica quando se menciona que o dêitico 'indica a egocentricidade do que está sendo dito'. O que difere de certa forma da concepção do próprio Lahud (1979) posto que ela se apresenta por um viés mais filosófico da linguagem.

Na teoria do processo referencial dêitico, as palavras se apresentam originariamente dotadas de sentido, posto que são símbolos convencionalizados, porém elas só tomam forma dentro do contexto enunciativo, quando se tornam objetos de mundo (do discurso) / referente e então adquirem significado na situação discursiva. Anteriormente acreditava-se que praticamente apenas os pronomes pessoais eram *shifters* de fato. Hoje se sabe que outras classes de palavras podem ter uso dêitico também, apesar de que numa escala de subjetividade, segundo Cavalcante (2000, p. 38), os pronomes pessoais seriam os com maior grau de deiticidade/ subjetividade. A exemplo deles, torna-se simples compreender o conceito mais sólido de dêixis já que o pronome pessoal aponta o referente que muda de acordo com a relação entre a pessoa que está enunciando e o enunciado em si.

> Portanto, o que é próprio à noção de dêixis tal como aparece em Jespersen é sua remissão a palavras, que ao mesmo tempo que se aplicam a coisas do real, funcionam como uma espécie de "anti-nomes-próprios-psicológicos", sua "variabilidade semântica" correspondendo, na realidade, ao seu caráter refratário à "dêixis" – mas aqui no sentido de "definição ostensiva" (LAHUD, 1979, p. 92).

Há, de maneira geral, várias formas de indicar ou se referir a algo, seja com o olhar, com o dedo, com a cabeça, com um som e através de palavras ou expressões, sendo que se utilizam estas maneiras de forma conjunta ou isolada. Todas elas são formas dêiticas com diferentes classificações.

Benveniste (1988), em sua obra ‘Problemas de Linguística Geral’, abordou uma questão muito pertinente relacionada à dêixis. A questão da subjetividade na dêixis de pessoa, também chamada Teoria das Pessoas de Benveniste. Para ele, apenas a primeira e segunda pessoa (eu e tu) são, de fato dêiticos. Isso porque a terceira pessoa pode se referir a qualquer coisa, não havendo para ela uma acepção tão precisa dentro do contexto como existe para as duas primeiras pessoas. Esse tema também foi abordado por Lahud (1979, p. 43):

> Assim, alguns atribuem ao pronome da terceira pessoa o mesmo estatuto “positivo” em relação à dêixis que às duas primeiras (enquanto que para outros, a dêixis, excluindo a “não-pessoa”, rejeita os pronomes *ele*, *ela*, etc., e abarca apenas a oposição *eu*/ *tu*).

No entanto, apesar de o autor colocar o “ele” na categoria de não-pessoa por não indicar subjetividade, o uso do pronome pode ser dêitico na medida em que é um “indicador referencial”. (1979, p. 124). Isto nos leva a uma discussão interessante de Cavalcante (2000) sobre formas e usos dêiticos.

Pode-se afirmar que sua característica mais marcante é a subjetividade, tendo em vista que nesse processo referencial, os objetos do discurso dependem, basicamente, da perspectiva do enunciador e da relação com o enunciado. Sendo mais específico, as noções de pessoa, tempo e espaço constituem a origem e vão situar o enunciador e/ou o interlocutor ao longo da interação que se dá no discurso. Cavalcante (2000, p. 141) afirma que a dêixis é “o fenômeno subjetivo por excelência”. Silva (2014) concorda e acrescenta ao confirmar algo discutido por Cavalcante desde 2005. A dêixis atravessa introduções referenciais e anáforas através do vínculo com a situação enunciativa. São expressões que têm significado estável, porém mudam de referência dentro da situação enunciativa.

Cavalcante (2000), seguindo a trilha de Benveniste (1988) e Lahud (1979), ratifica o caráter simbólico e indicial da dêixis. Ela explica que são símbolos por terem significado convencional e serem decodificados na língua e índices por apontarem características que mudam conforme da situação comunicativa já que os referentes são construídos no discurso.

Para Bühler (1982 [1934] *apud* CIULLA, 2002, p. 27), que foi o primeiro a definir dêixis, as expressões dêiticas estão no campo dêitico da linguagem que tem origem no enunciador, no local e no tempo da enunciação. Por outro lado,

há também o campo simbólico que consiste no significado das palavras. O autor pontuou que a própria percepção do sujeito e o uso dos elementos dêiticos variava conforme sua orientação visual (e as advindas dos demais órgãos de sentido). O significado das expressões dêiticas será dado por pistas na situação comunicativa.

Lahud (1979) afirma que as palavras dêiticas têm significado estável, porém possuem referentes instáveis já que eles podem mudar dependendo da situação. Dessa forma, fundamenta seu próprio conceito de dêixis, abaixo nas palavras de Ciulla (2008, p. 55):

> Os dêiticos são, então, índices, na medida em que se referem a objetos de maneira dinâmica, isto é, remetem ao objeto e, simultaneamente, à situação discursiva. Contudo, constituem-se também como símbolos, pois assumem um significado convencional, estabilizado, codificado na língua sob a forma de pronomes ou demonstrativos e, além disso, possuem registro em dicionário.

O referente do dêitico só adquire significado no ato de fala dentro da situação enunciativa, por essa razão Bühler (1950 [1934]) chegou a afirmar que os dêiticos detêm uma “frouxidão ou indeterminação lógica”. Isso foi rebatido por Lahud (1979) ao confirmar que o referente, de fato, é indeterminado, porém o dêitico a que se relaciona está determinado devido ao nexo entre o referente e a situação.

No processo referencial dêitico, o foco está na relação que se estabelece no discurso dentro no contexto da situação enunciativa. Em outras palavras, na subjetividade. Além disso, o caráter ostensivo ao indicar no espaço e no tempo através do enunciador os objetos de discurso.

Cavalcante (2000, p. 34), citando Benveniste (1988) afirma que a dêixis é definida pela relação que se estabelece entre o indicador – que seria o enunciador, o espaço e o tempo – e o discurso, o que estamos reiterando constantemente aqui. No mesmo trabalho, ela cita Dubois, Jean et al. (1993) que definem o fenômeno como “todo elemento linguístico que, num enunciado, faz referência: (1) à situação em que esse enunciado é produzido; (2) ao momento do enunciado (tempo e aspecto do verbo); (3) ao falante (modalização)”. Ou seja, é no contexto da situação comunicativa também através dos dêiticos que se produz o sentido.

Carvalho (1974), citado por Bardari (2011, p. 4), adiciona à noção de dêixis, duas categorias relacionadas à mostração: *mostração ad oculos* e *anafórica*. A *ad oculos* é a situação real, em que os interlocutores precisam estar presentes na situação. A *anafórica* é a que envolve o resgate do referente no contexto linguístico.

Para Fillmore (1997) existem três tipos de uso dêitico: o gestual, o simbólico e o anafórico. O gestual se assemelha à concepção de *mostração ad oculos* já que se trata da situação em que somente presentes no espaço físico, os interlocutores conseguirão "acompanhar" a situação. Para uma adequada compreensão, é necessário o monitoramento no momento da enunciação. Pode ser um olhar em direção ao referente, um gesto com a mão. No uso simbólico, pode-se pressupor o ponto de vista do referente sem a necessidade de pistas além das linguísticas que já estão no contexto ou "uso cuja interpretação envolve apenas conhecer certos aspectos da situação de comunicação de fala, se esse conhecimento vem pela percepção atual ou não[3]" (Fillmore, 1997, p. 62, tradução nossa). O uso anafórico aponta outra parte do discurso e dispensa o conhecimento sobre a origem do enunciador ou "pode ser interpretado corretamente sabendo com que outra parte do mesmo discurso a expressão é coreferencial[4]" (Fillmore, 1997, p. 63, tradução nossa). Para melhor compreensão e distinção, adotamos os exemplos utilizados pelo autor. Ele usou a palavra "lá/ aí" (there) com os três usos.

(1) "Eu quero que você coloque isto lá.[5]"

(2) "Johnny está aí?[6]"

(3) "Eu dirigi o carro até o estacionamento e o deixei lá.[7]"

No primeiro caso (uso gestual) é necessário saber onde o enunciador está para identificar o lugar indicado. No seguinte – uso simbólico, trata-se de uma conversa pelo telefone em que o "aí" é o lugar em que o interlocutor está. No último uso, a palavra refere-se ao local anteriormente identificado no discurso (estacionamento) e, portanto, um uso anafórico.

---

[3] « Use whose interpretation involves merely knowing certain aspects of the speech comunication situation, whether this knowledge comes by current perception or not. »

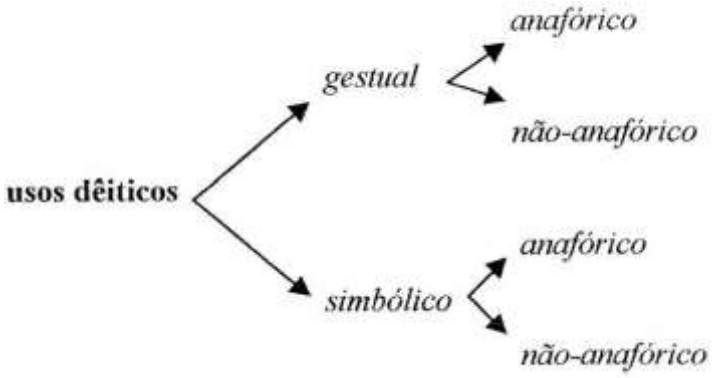
[4] « Can be correctly interpreted by knowing what other portion of the same discourse the expression is coreferential with. »

[5] « I want you put it there. »

[6] « Is Johnny there ? »

[7] « I drove the car to the parking lot and left it there. »

No entanto, Cavalcante (2000, p. 62) destaca que não necessariamente o uso anafórico será sempre dêitico, já que há casos em que existe ocorrência de anáfora e não de dêixis ou vice-versa. Por isso, ela propõe um esquema que agrupa os usos dêiticos simbólico e gestual em usos anafórico e não-anafórico.



Fonte: Cavalcante, 2000, p. 68

Cavalcante (2005) já admitia a possibilidade de haver um cruzamento de processos referenciais (dêixis com anáfora/ introdução referencial), que na sua visão, resultava numa “soma de subjetividades”. Já em Cavalcante (2011), essa ideia foi ratificada e a ampliada. Para ela, há hibridismo em toda ocorrência de dêixis textual, por ser também um caso de anáfora. Recentemente, Martins (2019) reivindica que sempre que há a ocorrência de dêixis, tratar-se-á também ou de uma introdução referencial ou de uma anáfora. Porém, reconhece que o inverso não é absoluto, já que nem toda introdução ou anáfora será necessariamente dêixis.

Por sua própria natureza, a dêixis é construída na situação comunicativa, partindo, especialmente, do enunciador, do local em que acontece e do tempo, portanto estas são as classificações elementares proposta inicialmente por Bühler (1950[1934]): pessoal, espacial e temporal. Revisaremos as classificações existentes na seção seguinte. Ciulla e Martins (2018) observam que a respeito da ideia de Bühler de que as palavras dêiticas apenas guiam o interlocutor para um referente, Cavalcante (2000) destaca o papel do sujeito da enunciação como centro do sistema de coordenadas. Para ela, porém, a dêixis

tem um caráter amplamente subjetivo, é preciso compreender o papel do sujeito e tudo que isso implica. O centro da situação comunicativa não é o falante e sim a relação entre o falante, o discurso e contexto de produção.

Por sua vez, Fillmore (1997, p. 61) conceitua:

> Dêixis é o nome dado àquelas propriedades formais de enunciados que são determinados por, e que são interpretados por conhecer, certos aspectos do ato de comunicação em que enunciados em questão podem desempenhar um papel. Estes incluem a identidade dos interlocutores na situação de comunicação, coberta pelo termo *dêixis de pessoa*; o lugar ou lugares nos quais os indivíduos estão localizados, para os quais temos o termo *dêixis de lugar*; o tempo em que acontece o ato comunicativo - para isso, precisamos distinguir o *encoding time*, o tempo em que a mensagem é enviada, do *decoding time*, o tempo em que a mensagem é recebida - os dois juntos estão sob o título de *dêixis de tempo*; a matriz do material linguístico de que faz parte o enunciado, isto é, as partes precedentes e seguintes do discurso, às quais podemos nos referir como *dêixis discursiva*; e os relações sociais por parte dos participantes da conversa, que determinam, por exemplo, a escolha dos níveis discursivos honoríficos, polidos, íntimos ou insultantes, etc., que podemos agrupar todos sob o termo *dêixis social*[8].

Lyons (1978) também discutiu a classificação dêitica tradicional de pessoa, tempo e espaço e faz menção à dêixis social e textual/discursiva. Ele explicou o uso da dêixis a partir das coordenadas: “Para se referir à função de pronomes pessoais e demonstrativos, tempos e uma gama de traços gramaticais e lexicais que relacionam declarações a coordenadas espaço-temporais do ato de enunciação”[9] (LYONS, 1978, p. 260, tradução nossa).

Outro autor que corroborou para o avanço do estudo da dêixis e também esteve em consonância com Fillmore (1997) quanto aos tipos dêiticos foi Levinson (1983). Este conceituou o processo referencial:

> A dêixis se refere às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam características do contexto de enunciado ou evento de

[8] « Deixis is the name given to those formal properties of utterances which are determined by, and which interpreted by knowing, certain aspects of the communication act in which the utterances in question can play a role. These include (1) the identity of the interlocutors in a communication situation, covered by the term *person deixis* ; (2) the place or places in which individuals are located, for which we have term *place deixis* ; (3) the time at which the communication act takes place – for this we may need to distinguish as the *enconding time*, the time at which the message is sent, and as the *decoding time*, the time at which the message is received – these together coming under the heading of *time deixis* ; (4) the matrix of linguistic material within which the utterance has a role, that is, the preceding and following parts of the discourse , which we can refer to as *discourse deixis* ; and (5) the social relationships on the part of the participants in the conversation, than determine, for example, the choice of honorific or polite or intimate or insulting speech levels, etc., which we can group together under the term *social deixis*. » (FILLMORE, 1997, p. 61)

[9] « (…) pour se référer à la fonction des pronoms personnels et démonstratifs, des temps et d'un éventail de traits grammaticaux et lexicaux qui relient les énoncés aux coordonnées spatio-temporelles de l'acte d'énonciation. » (LYONS, 1978, p. 260)

> fala e, deste modo, também se refere a maneiras pelas quais a interpretação de enunciados depende da análise desse contexto de enunciado[10]. (LEVINSON, 1983, p. 54, tradução nossa)

O autor (1983) ratifica a classificação apresentada por Fillmore (1997). Trata da classificação dêitica tradicional e inclui nelas a dêixis discursiva ou textual e a dêixis social. Uma observação interessante é que há a inclusão, na dêixis pessoal, da terceira pessoa. Benveniste (1976) discorda, conforme já abordado aqui, e aponta que ela estaria na categoria de não-pessoa.

Cavalcante (2000) parte desta visão para adotar os cinco tipos de dêixis usando o critério da subjetividade. As expressões dêiticas, essencialmente, são compostas por pronomes ou grupos nominais. A primeira e, portanto, a com maior grau de pessoalidade é a dêixis pessoal. Ela é a responsável pelas indicações dos demais tipos de dêixis. Cavalcante (2011), amplia a classificação dêitica e acrescenta a dêixis de memória. Martins (2019), seguindo a esteira de outros autores, propõe uma ampliação dos tipos dêiticos ao incluir em seu quadro de elaboração própria a dêixis fictiva e a modal, conforme veremos na seção seguinte.

2.3 Os tipos de dêixis

Seguindo a classificação adotada por Cavalcante (2011), temos seis tipos de dêixis: pessoal, social, temporal, espacial, textual e de memória. As dêixis textual e social foram acrescentadas aos três tipos clássicos por Fillmore (1997). Aqui, apresentaremos na ordem utilizada pela autora baseando-se na sua defesa que alguns tipos de dêixis são mais básicos que outros pelo critério da subjetividade/ pessoalidade.

2.3.1 Dêixis pessoal

A dêixis pessoal ocorre quando se faz uso de elementos linguísticos que indicam o enunciador/ interlocutor na situação comunicativa. Baseando-se na noção de pessoa de Benveniste, Cavalcante (2000, p. 28) considera como

---

[10] « Deixis concerns the ways in which languages encode or grammaticalize features of the context of utterance or speech event, and thus also concerns ways in which the interpretation of utterances depends on the analysis of that context of utterance. » *(LEVINSON, 1983, p. 54, tradução nossa)*

dêiticos pessoais apenas a primeira e segunda pessoa devido à “capacidade de remeter à situação discursiva”. Podem ser pronomes pessoais, principalmente, possessivos, entre outros. Observemos o exemplo utilizado pela autora na obra “Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas” (CAVALCANTE, 2011, p. 95).

(3) A dor a mais
(Vinícius de Moraes)
...
Ah, que solidão buscar perdão
No corpo teu
Tanto tempo faz
Ø Tens um outro amor, eu sei
Mas nunca Ø terás
A dor a mais
Como eu te dei
Porque a dor a mais
Só na paixão
Com que eu te amei.

No exemplo acima, temos o pronome pessoal indicando o enunciador, o pronome pessoal oblíquo indicando o interlocutor e o possessivo sinalizando o interlocutor também. O ‘eu’ não se refere a uma pessoa em particular, e sim ao indivíduo dentro da situação comunicativa. Há ainda situações em que enunciador e co-enunciador vão se alternando e dessa forma o ‘eu’ passa a ser ‘tu’ e vice-versa. Cavalcante (2000, p. 38) aponta ainda que há situações em que as pessoas eu e tu/você aparecem de forma aparentemente impessoal. Observemos o exemplo utilizado por ela:

(4) “quando *eu* cito crítica... não é crítica:: de zombar... é crítica construtiva... alertar as pessoas... as que não tenham cultura... e as próprias a que tenham... é:: tentar resolver a/ o/ eh:: a economia desse país... tentar desenvolver um plano entre patrão... e empregado... está ganhando pouco... eu não posso pagar... então vamos acertar de uma forma... onde que o governo entre com isso... e possa acertar...”

O uso do eu poderia ser substituído pelo *se* de impessoalidade e o verbo na 3ª pessoa do singular sem prejuízo de sentido. Embora seja mais comum exemplos de uso dessa natureza com a 2ª pessoa (tu/ você).

2.3.2 Dêixis social

Por ter uma relação relativamente estreita com a dêixis pessoal, a dêixis social vem atrelada a ela. Também parte dos interlocutores e consiste nos usos

que se faz dos pronomes de tratamento e outras expressões que vão mostrar na situação comunicativa a relação existente entre os interlocutores, se são próximos e, portanto, se tratam de maneira íntima ou mais distantes e dessa forma, o tratamento utilizado é mais distante. A dêixis social é um subgrupo da dêixis de pessoa, na visão de Cavalcante (2000). São as formas de tratamento. Como no exemplo: “Professor, essa frase aqui...” Porém Ciulla e Martins (2018, p. 83) discordam desta visão, pois as formas de tratamento estão ligadas às relações hierárquicas que se estabelecem e não são simplesmente substituições dos pronomes pessoais. Elas são mais que meras formas de se referir a alguém, pois revelam a intimidade, aproximação e a polidez entre os interlocutores.

(5) Ismênia, moça donzela
(Dalton Trevisan – *Quem tem medo de vampiro?*)
Saudações.
Dr. Antônio, desculpe a ousadia de escrever, ontem fiquei arrependida de não confessar a paixão que sinto, porque tive vergonha, vejo que o senhor é casado e pai de tanto filho, acho que isso não tem importância, a gente sabe de muita dona casada gostando de outro, quanto mais eu que sou moça donzela, a diferença é que não sou correspondida.
Venha na mesma hora, espero no portão e mamãe não vê. Se o doutor não vier é sinal que não tem a mínima simpatia.
Sem mais, sua criada obrigada,
Ismênia.
P.S. Desculpe os erros que estou um pouco nervosa.

*

Querido Antônio.
Eu escrevo este bilhete, não posso suportar este amor. Olha, Antônio, de hoje em diante farei os teus desejos. Só se você me estimar como tua amante, não me deixe faltar nada e nunca me abandone.
Te espero às três horas, no lugar de sempre. Não quebro o juramento que fiz, mas você não sei, Antônio.
Sempre fiel,
Ismênia.
P.S. De há muito pedi o teu retrato, não serei merecedora? Sofrendo do estômago tudo por causa do nosso amor. Mande um dinheirinho pelo menino para comprar remédio. Sonhei a noite toda que me traías e não me querias mais, será?

*

Estimado Antônio.
Saudações.

Esta será a última carta que minha mão te escreve. Ontem choveu teve desculpa, hoje uma bonita noite, esperei até às nove horas, você não veio e sei que sou desprezada.

Ou por que a velha não saiu da sala? Ela pode ficar lá na cozinha, não se faça de rogado, Antônio. Que horror; depois de combinado você se arrepender; venha sim?

A que há de ser tua,

Ismênia.

P.S. Peço um dinheirinho pelo menino, estou apurada para pagar uma conta e a pessoa esperando aqui.

[...]

Esse exemplo, também retirado de Cavalcante (2011, p. 96), é um conto que apresenta algumas cartas nas quais a personagem Ismênia escreve para o seu amado, Antônio. No início, as expressões destacadas revelam que a relação entre eles é mais distante, respeitosa, polida. Ao longo da história, acontece uma aproximação e a forma como Ismênia se refere a Antônio muda completamente passando por momentos de carinho, intimidade e no fim, um distanciamento.

Através da dêixis social podemos verificar a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson, a qual Cavalcante (2011) se referiu. São modos de interagir para mostrar e sustentar uma boa imagem para o interlocutor e ao mesmo tempo omitir o íntimo, que seria uma face negativa, contrária à outra. É o que se percebe no exemplo apresentado quando do início o tratamento utilizado pela enunciadora para o interlocutor é de muito respeito e distanciamento social até que avançam, se tornam amorosamente íntimos e ao final do conto é de distanciamento amoroso. O enunciador pode fazer uso de “suavizadores” e estes podem ser os dêiticos sociais que, se usados de maneira correta, aproximam ou distanciam o interlocutor.

Toda interação é regida por regras, baseadas em comportamentos mais ou menos ritualizados, ratifica Cavalcante (2011, p. 96). Diferentes culturas têm “rituais” distintos. Ciulla (2008, p. 58) exemplifica com o tratamento utilizado no Brasil e na França para se dirigir ao professor, que aqui é chamado de “professor” enquanto lá é chamado de “senhor” (monsieur).

2.3.3 Dêixis temporal

A dêixis temporal é o uso que se faz de palavras ou expressões para marcar o tempo de enunciação da mensagem. Há que se chamar atenção para

o fato de que nem toda expressão que denote tempo será necessariamente dêitica. Para tratar de dêixis temporal se faz necessário, segundo Fillmore (1997, p. 61) diferenciar o tempo em que a mensagem é enviada – "*enconding time*" – do tempo em que é recebida – "*decoding time*", o tempo do enunciador e do destinatário. Comentaremos o exemplo de Cavalcante (2011, p. 99)

(6) É preciso salvar vidas

A pesquisadora explica porque é urgente que o STF libere as pesquisas com células-tronco embrionárias.

A bióloga Mayana Zatz é uma das maiores especialistas em células-tronco do país, com quase 300 trabalhos científicos publicados. Nascida em Israel, mora no Brasil desde os 7 anos. Atualmente, ela é pró-reitora de pesquisa e coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo. Mayana estuda há mais de 30 anos terapias para doenças neuromusculares, razão pela qual se tornou uma das maiores defensoras, no país, das pesquisas com células-tronco embrionárias, as únicas capazes de se converter em qualquer um dos 216 tipos de célula do corpo humano. Desde 2005, quando o Congresso aprovou a lei brasileira de biossegurança – que autoriza o uso em pesquisas de embriões congelados há mais de três anos – Mayana luta para que a lei entre em vigor. Isso porque, naquele mesmo ano, a Procuradoria-Geral da República entrou com uma ação de inconstitucionalidade contra a lei. Desde então, os estudos com células tronco embrionárias estão parados no Brasil. Na semana que vem, o Supremo Tribunal Federal dará sua palavra final sobre o uso dos embriões. [...] (Entrevista – *Veja*, 5/3/2008).

Neste exemplo, para que o interlocutor se localize temporalmente observando as expressões grifadas pela autora, é necessário conhecer o tempo em que o texto foi construído. Faz-se imprescindível perceber o tempo de origem do enunciador para que haja entendimento do que, de fato, significa "Atualmente" e "Na semana que vem". Para tanto, o leitor recorre ao final do texto. Ou seja, o ponto zero é o tempo e sem conhecê-lo não se alcança o sentido completo, não há como identificar a qual semana o enunciador se refere sem conhecer o "*enconding time*".

Por outro lado, observamos que há expressões no texto que, apesar de também se referirem a tempo, não são dêiticas. É o caso de "Desde 2005". Neste, não é necessário reconhecer o tempo em que o texto foi veiculado, posto que a qualquer momento que se leia haverá entendimento por se referir apenas ao tempo cronológico.

2.3.4 Dêixis espacial

Quando se fala em dêixis espacial, da mesma maneira que na dêixis temporal, podemos ser levados a pensar que toda expressão que indique tempo será dêitica, mas não necessariamente. Somente nos casos em que para entender a situação enunciativa for preciso conhecer o lugar de enunciação, o lugar do interlocutor. Conforme Bühler, citado anteriormente, nesse tipo de uso dêitico fica claro que a orientação espacial parte do enunciador/interlocutor, percebemos o mundo segundo nossa orientação.

Lyons (1977 *apud* SOUSA, 2005, p. 117) dividiu as entidades em três dimensões: automovíveis, movíveis e imóveis. As entidades automóveis são os animais, inclusive o homem, as movíveis são os objetos e as imóveis são elementos estáticos como casas, prédios, montanhas. Sousa admite que apenas as primeiras marcam, por si só, o campo dêitico.

Cavalcante (2000, p. 49) argumenta que com as entidades imovíveis e movíveis o campo dêitico é marcado pelo enunciador. O interlocutor será orientado no espaço baseando-se na mensagem emitida pelo falante. Também adotamos os exemplos utilizados por ela (2011, p. 101)

(7) Respostas cretinas para perguntas idiotas

Mulher entrando em uma agropecuária:
– Tem veneno pra rato?
– Tem! Vai levar? – pergunta o balconista.
– Não, vou trazer os ratos pra comerem <u>aqui</u>!!!

No restaurante, o rapaz apanhando o talão de cheques e uma caneta.
– Vai pagar com cheque?
– Não, vou fazer um poema pra você <u>nesta folhinha</u>.

No exemplo (7) é necessário saber o ponto zero do falante para identificar espacialmente o referente, temos, portanto, o uso dêitico da expressão em destaque. As expressões “aqui” e “nesta folhinha” exigem que o interlocutor reconheça a origem espacial do enunciador para a correta compreensão da situação enunciativa, que são respectivamente, o cliente numa loja de produtos agropecuários e o cliente com o talão de cheques em mãos. No entanto, a expressão “no restaurante” apesar de remeter a lugar, não é dêitica, pois não exige que se reconheça a posição do enunciador para ser compreendida.

2.3.5 Dêixis textual

Os dêiticos textuais, ora chamados de discursivos por Cavalcante, são expressões trasladadas do campo dêitico tradicional para o campo textual, são elementos linguísticos que localizam porções do discurso dentro do cotexto. Na verdade, alguns autores – como Lyons e Apothelóz – preferem nomeá-la dêixis textual, porém Cavalcante (2000) adota a seguinte postura: de forma geral chamá-la-á dêixis discursiva e classifica-la-á como dêixis textual o subtipo que desempenhar função metatextual. Em algumas situações são expressões dêiticas de lugar, como: "acima, abaixo" ou de tempo como em: "no último parágrafo, na próxima seção". A diferença entre os usos dêiticos espacial e temporal e o textual é que a situação, nesse último caso, não acontece em um espaço físico real, mas sim dentro do texto. Ela começa e finda no texto. Ou seja, é o texto pelo próprio texto.

Na dêixis textual, um referente que pode vir dissolvido no cotexto ou resumido numa expressão, é o uso "metatextual" em que se usa o texto para falar dele mesmo e dá continuidade ao raciocínio através do resgate de um trecho anterior. Dessa maneira, contribui-se para a coesão textual. É especificamente esse tipo dêitico apontado por Cavalcante como caso híbrido por ser também anáfora já que retoma um objeto de discurso já mencionado no cotexto, conforme mostrado na seção anterior. Levison (1983, *apud* CAVALCANTE, 2000, p. 55) conceitua: "A dêixis discursiva ou textual concerne ao uso de expressões dentro de um enunciado para referir a uma porção do discurso contida neste enunciado (o que pode incluir até a ele próprio)". Cavalcante (2011, p. 105) exemplifica:

(8) Palas e poses

RIO DE JANEIRO – Lidas assim, nuas, sem outros balangandãs verbais que ajudem a lhes empregar sentido, <u>as palavras acima</u> parecem agora foragidas do teatro grego ou de um poema medieval. Mas não – são palavrinhas bem nossas, de uso corriqueiro até outro dia, e que ameaçam se evaporar da língua porque as pessoas começaram a deturpar o jeito de escrevê-las.

[...]

(artigo de opinião, de *Ruy Castro*, *Folha de S. Paulo – 13/03/07*).

No exemplo (8) temos o uso da dêixis textual na expressão "as palavras acima" com o apontamento para uma porção anterior do texto e o resgate do referente. Simultaneamente há o uso de anáfora ao retomar um referente mencionado anteriormente e permitir a continuidade do texto. É comum o uso de

pronomes demonstrativos e palavras circunstanciais em expressões dêitico-textuais para destacar o trecho ao que se faz menção, destacar, enfatizar.

2.3.6 Dêixis de memória

O último tipo de dêixis abordada por Cavalcante (2011) é a de memória que se refere a expressões que exigem um resgate do conhecimento compartilhado na situação comunicativa a que se faz referência, não mencionado no cotexto. Faz-se um apontamento para uma situação anterior conhecida pelos interlocutores. Cavalcante (2011, p. 113) exemplifica:

(9) "Sabe aquele desejo incontrolável de ter alguma coisa que não dá para esperar até o mês que vem? O Sudameris sabe." (anúncio publicitário, veiculado em revistas, como a *Veja*).

Apothelóz (1995 *apud* CIULLA 2002, p. 35) explica:

> Um SN demonstrativo pode referir-se *in absentia*, quer dizer, na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa. (...) concordamos em descrever este tipo de demonstrativo dizendo que ele consiste em evocar um referente cuja evidência é tal, para o locutor, que ele equivale a um referente que acabou de ser evocado no próprio texto.

No exemplo (9), a expressão "aquele desejo incontrolável" evoca o conhecimento compartilhado, a recordação de um referente anterior não mencionado na situação comunicativa. O uso do demonstrativo indica distanciamento, a ação teve lugar em outro tempo. Ciulla (2002) defende que a indicação de onde pode ser encontrado o referente acontece na memória, sem remissão ao cotexto.

Apothelóz (1995 *apud* CAVALCANTE, 2000, p. 128) explica:

> O referente é tão evidente para o enunciador que é como se já tivesse sido mencionado no contexto. O destinatário tem a impressão de que a informação lhe é imediatamente acessível, não obstante se tratar de um processo referencial *in absentia*.

Cavalcante (2000) incluiu a dêixis de memória na discursiva que não era exatamente a definição adotada pela mesma autora em 2011. Na pesquisa anterior, foi traçada uma diferença entre os "anafóricos de memória" e os "dêiticos discursivos de memória". Enquanto aqueles se comportavam como dêiticos ao trazerem novamente o referente para o foco e dar-lhes atributos já conhecidos pelos interlocutores, estes resgatam um referente resumindo trechos

anteriores e ampliam a referência. Ela argumenta que o acesso ao conhecimento compartilhado é mais frequente na anáfora que na dêixis discursiva.

2.3.7 Dêixis modal

Este tipo de dêixis deriva da dêixis *ad oculos*, é um subtipo de dêixis indicial, segundo Fonseca (1989). Porém tem o funcionamento um pouco diferente, já que não necessariamente haverá o contato visual, portanto poder-se-á fazer uso de diferentes recursos sensoriais.

Normalmente está caracterizada pelo uso do advérbio 'assim' ou alguma expressão sinônima e pode "apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de vária ordem, fazendo apelo a outros sentidos além da vista e do ouvido" (FONSECA, 1989, p. 122). Como o próprio nome anuncia, este tipo dêitico faz referência ao modo e conforme Ciulla e Martins (2017), pode-se verificar a ocorrência de dêixis modal também em situações como "Não entre na sala desse jeito", "Não fale comigo nessa altura". O uso destas expressões também é dêitico porque para compreensão é necessário conhecer o sujeito, o tempo e o espaço da enunciação (elementos que configuram a *origo* da dêixis).

Fonseca (1996, *apud* Martins 2019, p. 91) explica a concretização da dêixis modal como "circunstância para além dos participantes e suas coordenadas espaço-temporais, mediante o uso do dêitico plurivalente ASSIM"

Pode-se verificar o uso da dêixis modal, assim como vários outros tipos, em variados gêneros e com diferentes configurações. Para demonstrar, observe-se o exemplo adotado por Martins (2019, p. 48 *apud* FONSECA, 1996):

(10) Para a massa ficar leve, é preciso amassá-la assim.

No exemplo fica claro que o enunciador está fazendo um apontamento para o modo de preparo de uma massa através do dêitico 'assim'. Ratifica-se a necessidade de conhecer os elementos da situação discursiva para que haja entendimento.

2.3.8 Dêixis fictiva

Tradicionalmente chamada de dêixis *am phantasma* por Buhler (1934[1950]), este processo referencial consiste no apontamento a um referente

dentro da situação comunicativa em que o enunciador e/ou o interlocutor não está/estão diante do referente, é uma forma de ostensão em ausência. Apela-se ao campo imaginativo já que os interlocutores conhecem o referente previamente e vão apenas acessar o conhecimento compartilhado que possuem sobre um objeto de discurso que não está disponível concretamente no momento do ato comunicativo.

Buhler (1934 [1950], p. 145 tradução nossa) explica que "o falante e o ouvinte de uma relação intuitiva de coisas ausentes possuem os dons e recursos que permitem ao ator na cena tornar presente o que está ausente"[11]. Dado o tempo da obra, hoje pode-se inferir que "os dons e recursos" aos quais o autor se refere é o conhecimento compartilhado.

O autor (1934 [1950], p. 159 tradução nossa) acrescenta que "o homem só pode apresentar a outro em fantasma o que está ausente com recursos linguísticos, porque há transposições"[12]. O interlocutor é guiado intuitivamente sobre objetos e narradores ausentes. Diferente de outros tipos dêiticos, neste não se dispõe de gestos, a depender da situação também não é possível guiar-se pelo som – no caso de mensagens escritas. Observe-se este exemplo para indicar uma localização:

(11) Em Viena, você passa pelo Graben, ao lado da Pestsäule até o Stock im Eisen e logo em frente, um pouco à esquerda, está a catedral de Santo Estevão (BUHLER, 1934[1950], p. 157, tradução nossa)[13]

No exemplo (10), pode-se inferir que pelo menos um dos participantes da situação discursiva não está próximo ao referente. Porém tanto o enunciador quanto o interlocutor compartilham o conhecimento prévio e conseguem estabelecer no campo mental a imagem dos referentes. O mesmo pode ocorrer numa conversa por telefone, por exemplo, em que o enunciador pede ao interlocutor que faça algo em um lugar em que ambos não estão.

Fonseca (1989) propôs o nome dêixis fictiva/narrativa em substituição à nomenclatura proposta por Buhler, partindo da observação do funcionamento do

---

[11] "…el hablante y el oyente de una relación intuitiva de cosas ausentes poseen los dones y recursos que permiten al *actor* en la escena hacer presente lo ausente…"

[12] "El hombre sólo puede presentar a otro en fantasma lo ausente con recursos lingüísticos porque hay transposiciones."

[13] "Pasas en Viena por el Graben junto a la Pestsäule hasta el Stock im Eisen y de pronto tienes delante un poco a la izquierda la catedral de San Esteban." (BUHLER, 1934[1950], p. 157)

próprio fenômeno, de sua importância e recorrência em textos narrativos e ficcionais. A autora justifica o uso dos nomes “fictiva” e “narrativa” como sinônimos por acreditar que ambas as tipologias textuais possuem as mesmas estruturas linguísticas. Porém a razão de ser da dêixis fictiva não se baseia somente no fato de ser um método de construção da ficção. Para ela, a ficção é a possibilidade de apontar os referentes pelo fato de estarem ausentes e não por serem reais ou não. O apontamento é, nestes casos, fictivo. Porém dentro da enunciação, os objetos de discursos tornam-se textualmente factíveis.

Cabe destacar aqui o trabalho de Martins e Ciulla (2017) que avançaram no estudo da classificação dêitica, porém equivocadamente compreenderam que a razão de ser da proposta da mudança de nomenclatura de Fonseca (conforme já explicado anteriormente) devia-se apenas ao fato de acontecer em textos ficcionais. O ponto não é este, apesar de a recorrência maior ser em textos narrativos que costumeiramente são ficcionais.

Fonseca (1989, p. 225) acrescenta que “a “mostração do ausente” implica sempre um esforço, por parte do locutor, no sentido de levar o interlocutor a comparticipar, a comungar na evocação de um mundo alternativo”. Este é o acesso ao conhecimento compartilhado pelos atores da situação comunicativa.

Cavalcante (2000, p. 87) afirma que a dêixis *am phantasma* “processa a determinação de lugar num campo mostrativo imaginário, ou seja, num espaço ficcional. Trata-se da demonstração idealizada dentro dos trechos da narração, sobretudo da literária.”

Por fim, no intuito de organizar melhor os tipos dêiticos, adotamos o quadro resumitivo-comparativo dos tipos de dêixis de Martins (2019, p. 50):

Quadro 1 – Quadro resumitivo-comparativo dos tipos de dêixis de trabalhos do estado da arte

TIPO/ AUTORA	FONSECA (1989)	CAVALCANTE (2000)	CIULLA (2008)
DÊIXIS PESSOAL	Representa por marcas da própria estrutura da língua que remetem para a instância da enunciação. O “eu” das	Tem o maior grau na escala de subjetividade; é o tipo responsável pelas indicações dos demais tipos de dêixis. Exemplo: Eu não posso pagar.	Definida pelas coordenadas de pessoa. Exemplo: Esta carta será a última que minha mão te escreve.

	coordenadas dêiticas. “No caso dos pronomes pessoais, é tradicional a definição de três pessoas com base no papel que desempenham no acto da fala: a pessoa que fala (primeira), a "pessoa a quem se fala" (segunda) e a "pessoa de quem se fala" (terceira). (FONSECA, 1989, p. 147) Exemplo: No dia em que estamos.		
DÊIXIS SOCIAL	Indica as dimensões sociais da interação entre os participantes no ato de comunicação, traçando-se “a ponte que permite passar do que costuma chamar- se uma pragmática minimalista para uma pragmática maximalista: do estudo restrito da indexicalidade ao estudo amplo da interacção discursiva.” (FONSECA, 1989, p.183) Exemplo: Ø	É um subgrupo da dêixis pessoal; é expressa por formas de tratamento. Exemplo: Professor, essa frase aqui: “A maioria da turma tiraram nota baixa” está correta?	Institui o eu e o tu da situação, assim como a dêixis pessoal, mas podendo instituir ou enfatizar papéis sociais, hierarquias, gentileza, entre outros. “Muitas vezes, quando conversamos com alguém na presença de outra pessoa e queremos mencioná-la na conversa, evitamos usar o pronome de terceira pessoa “ele” ou “ela”, preferindo dizer “este senhor”, “esta senhora”;

			isso porque utilizar o pronome de terceira pessoa é excluir esse indivíduo da conversa e seria uma maneira indelicada de lhe fazer referência." (CIULLA, 2008, p.57) Exemplo: Enquanto contava a seu pai como ela havia encontrado este senhor.
DÊIXIS ESPACIAL	Marcada pelo "aqui" no sistema de coordenadas dêiticas. Exemplo: Estou aqui.	Indica os espaços em que os interlocutores estão no contexto de situação imediata; supõe "o traço ostensivo primário". Exemplo: Você está vendo aquele rapaz à esquerda do coqueiro?	Definida pelas coordenadas de lugar. Exemplo: A pessoa esperando aqui.
DÊIXIS TEMPORAL	Marcada pelo "agora" no Sistema de coordenadas dêiticas, a partir do qual se dão as ideias de pretérito e futuridade. Por isso, chamado de "acto de enunciação, momento da enunciação ou instância do discurso. Representada principalmente pelos tempos	Ocupa o terceiro grau na escala de subjetividade, visto que algumas expressões temporais são úteis para mensurar o lugar, estando, muitas vezes, a serviço dele. Exemplo: Ontem à noite, ouvi o barulho dos bombeiros. No dia seguinte, soube que houve um incêndio num	Definida pelas coordenadas de tempo. Exemplo: Ontem choveu, teve desculpa, hoje uma bonita noite, esperei até as nove horas.

	verbais. Exemplo: Que belo mergulho eu dei agora.	prédio a duas quadras de casa.	
DÊIXIS TEXTUAL	Caracteriza-se pelo campo mostrativo textual, “no espaço concreto que se gera à volta da "origo" enunciativa fundamenta-se a concepção, por analogia, de um espaço textual”. Exemplo: Ø	(DISCURSIVA) Encontra-seno último grau na escala de subjetividade, uma vez que ela “se aplica a um entorno espaço-temporal metaforizado, embora não represente uma mera transferência da situação comunicativa real para a disposição de conteúdos no texto” (CAVALCANTE, 2000). Exemplo: Já foi observado acima que...	(DISCURSIVA) Remete para dentro do próprio texto. Compartilha características com a anáfora. Exemplo: Este trabalho compreende parte da análise realizada.
DÊIXIS MEMORIAL	X	X	“[...] é o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo e no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente (CIULLA, 2008, p. 73). “um espaço da

			memória comum dos interlocutores” e se pode observar em exemplos como: Exemplo: Aquele tempo em que costumávamos pescar juntos. Exemplo: Essas roupas que se vestem em festas para reviver os anos 70.
DÊIXIS FICTIVA	Caracterizada como “uma imagem mental” criada pelo interlocutor para reproduzir e se localizar, instaurando-se como uma nova *origo*. Exemplo: Na Rotunda da Boavista, estás a ver aquela casa verde, à direita, depois de saíres do Correio? É aí (FONSECA, 1989, p. 221). Exemplo: Aqui fica a mesa, ao lado do armário e por baixo do espelho.	X	X
DÊIXIS MODAL	É um subtipo de dêixis indicial, expressa por “assim”, que “permite apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de várias ordens, fazendo apelo a	X	X

	outros sentidos além da visão e da audição" (FONSECA, 1989, p. 122). Também identificada como dêixis em ocorrências em que há "circunstância para além dos participantes e suas coordenadas espaço-temporais, mediante o uso do dêitico plurivalente ASSIM" (FONSECA, 1996) Exemplo: Para a massa ficar leve, é preciso amassá-la assim.		

Com o quadro resumo do estado da arte dos tipos dêiticos, verifica-se uma linha temporal com as contribuições das autoras contemporâneas. A seguir, os conceitos de texto e as discussões sobre gênero e cartaz.

3 A NOÇÃO DE TEXTO NA LINGUÍSTICA TEXTUAL

O conceito de texto passou por algumas mudanças nas diferentes correntes linguísticas até chegar na atual concepção adotada pela LT. Tendo em vista que ele acontece no campo da interação e se materializa através de diversos gêneros, serão discutidos os conceitos de texto e gênero até que se chegue ao objeto de análise desta pesquisa: o gênero e suporte cartaz.

3.1 Texto

Antes da década de 1960, os estudos linguísticos se baseavam na frase, inclusive o conceito de texto era voltado para ela. Com o advento da Linguística Textual na Europa nos anos 1960, o texto passou a ser visto sob uma perspectiva diferente das anteriores construídas ao longo do tempo. Uma das primeiras concepções de texto consistia na ideia de que ele era produto do pensamento do autor, o leitor era passivo. A este, só lhe cabia ler e compreender sem interagir para a construção de sentido. Tempos depois, foi visto como resultado da operação: codificação de ideias do autor para a decodificação pelo leitor. Para tanto, era necessário apenas o conhecimento do código linguístico, o leitor continuava passivo já que apenas recebia e decodificava. Quando do surgimento de outra compreensão de texto, tanto autor quanto leitor têm papel fundamental na construção de sentido, já que é no próprio texto que se constroem e interagem. A partir da Virada Cognitivista (anos 1980), a língua e, por conseguinte, o texto são considerados interações (KOCH E ELIAS, 2008).

Em meio a algumas críticas de teóricos de diferentes áreas da Linguística, em 1940, Hjelmslev postulou que “o objeto da linguística é o texto”, conforme Marcuschi (2012, p. 18). À época, os estudos não avançaram, mas atualmente pode-se dizer que o estatuto do texto conta com uma posição privilegiada nos estudos linguísticos.

Em Koch (2018) discute-se através de uma linha do tempo os caminhos percorridos pela LT até que ela se tornasse o que é atualmente. Nessa discussão, a autora discorre sobre o instituto do texto e suas mudanças em diferentes perspectivas. Inicialmente, a Linguística Textual ocupava-se da

análise de estudo dos meios que possibilitavam nomear sequências de frases como textos, o que deu origem às gramaticas da frase. Marcuschi (2012) dividiu os períodos que culminaram em diferentes definições de texto em três perspectivas: pela imanência do sistema, pelos critérios temáticos e transcendentes ao texto e como processo cognitivo.

Na primeira perspectiva, o período das análises da frase e gramáticas textuais, o texto era, basicamente, “uma sequência coerente de sentenças” (MARCUSCHI, 2012, p. 22). Ainda conforme Marcuschi (2012), autores como Harris (1952), Harweg (1968), Bellert (1970) e Weinrich (1976) tinham definições diferentes sobre o texto, mas, de maneira geral, acordavam que era uma sucessão de expressões e/ou unidades linguísticas. São conceitos que, hoje, parecem um pouco vagos e que se referiam apenas ao que se reconhece na LT como textos verbais. Harweg (1968 *apud* MARCUSCHI, 2012) avança em sua definição ao postular que o texto se forma por uma cadeia de pronomes. Além de desenvolver a ideia de texto êmico e ético. O primeiro refere-se ao texto em si, é o que se apresenta na superfície. Já o segundo são os elementos que situam o texto – o que se conhece, hodiernamente, como contextualidade.

O conceito formulado por Weinrich (1976 *apud* MARCUSCHI, 2012) para texto é o de uma sucessão entre duas interrupções, o que para Marcuschi (2012) parece um pouco vago, já que a partir disto seria possível inferir que um indivíduo produz um único texto durante toda a vida. Algo que naquele momento já havia sido proposto. No entanto, uma importante contribuição do linguista foi seu método de análise de texto baseando-se no de uma partitura musical. Neste sentido, ele avança também por defender que “toda linguística é linguística de texto” (WEINRICH, 1976 *segundo* MARCUSCHI, 2012, p. 26).

A preocupação dos estudiosos era produzir gramáticas focando na análise sintática e semântica partindo do texto. As pesquisas acabaram se direcionando, ainda que de forma tímida, à referenciação e aos processos referenciais. Nesse momento, o texto já era compreendido como “a unidade linguística mais alta, superior a sentença” (KOCH, 2018, p. 21), por isso havia a necessidade de produzir gramáticas textuais. Nestas, o objetivo principal era observar, analisar e tomar nota do que dizia respeito ao texto: o que fazia sê-lo considerado como tal, observando os princípios da textualidade; onde começa e termina o texto, além de diferenciá-los. Baseando-se no consenso de que toda

pessoa falante de uma língua é capaz de realizar uma série de ações quando se está diante de um texto, percebeu-se a necessidade de se falar sobre competência textual como algo intrínseco.

Koch (2018) também cita o linguista estruturalista que deu importante contribuição na fase de construção de uma gramática de texto e, por conseguinte, um grande passo nos estudos de LT: Weinrich (1964, 1971, 1976), que já objetivando a construção de uma gramática de texto, conceituou texto como uma estrutura linear de lexemas e morfemas que interagem e dessa forma, formam o contexto. Em outras palavras, essa definição trouxe à tona a ideia de que tudo estava conectado, que tudo perpassa o texto. Por fim, o estruturalista alcança seu objetivo que até os dias atuais servem de base para entender como funcionam os textos.

Outro linguista que, conforme Koch (2018), desempenhou um importante papel no avanço da LT, foi Petöfi (1973) que desenvolveu um modelo que possibilita a análise, síntese e comparação de textos. No entanto, para ele, a gramática textual deve ser considerada apenas um elemento na sua teoria de texto. Na sua teoria, existe uma relação entre a estrutura de um texto e as interpretações do mundo que se consolidam no texto. A gramática de texto deveria ser apenas mais um dos componentes do contexto.

Com o avanço dos estudos do texto, os conceitos se ampliaram e ele passou a ser considerado como unidade comunicativa. Petöfi (1972), conforme Marcuschi (2012), conceituou o texto levando em conta os aspectos cotextuais e contextuais, tendo inclusive definido estes termos. A estrutura do texto é a do mundo sob um contexto semântico, uma explicação e conceito um pouco confuso.

Os linguistas que, à época, se dedicaram à produção de gramáticas textuais também se preocupavam pela existência de uma parte relacionada à semântica. Dessa forma, alguns autores passaram a pesquisar sobre o tema e discutir a importância da coerência e da coesão. Apesar de tratarem apenas de maneira mais superficial, Koch (2018) cita Charolles (1978) que apresentou quatro condições para a coerência textual: repetição, progressão, não contradição e relação. Ainda segundo ela, autores como Brinker (1973), Rieser (1973, 1978), Viehweger (1976, 1977) argumentavam, a respeito da semântica, que o sentido do texto se apresentava parcialmente na superfície, já que para

compreender totalmente seria imprescindível recorrer às estruturas semânticas profundas. Halliday e Hasan (1976, conforme MARCUSCHI, 2012) postulam que o texto é uma unidade de sentido em uso. Eles defendem que o texto se materializa através de sentenças e que a coesão é um importante elemento semântico.

O gerativismo estava em evolução e neste campo fértil, Van Djik (1978, 1977 *apud* MARCUSCHI, 2012) avança ao relacionar a teoria gerativista à LT e ao definir texto como um conjunto de sentenças em ordem que possui estrutura profunda. Conceito que tenta agregar noções do Gerativismo: estrutura superficial e profunda. Para ele, a coerência se materializa na junção destas estruturas e deste ponto percebe-se que um texto não é apenas um conjunto de sentenças ordenadas.

Koch (2018) também discorre sobre Van Djik (1972), cujo papel fundamental na LT foi ter sido um dos pioneiros nos estudos, que deu sua contribuição para a construção das gramáticas de texto ao afirmar que cabia a elas o estudo da estrutura linguística de enunciados completos, as relações semânticas, generalizações sobre as características de períodos compostos, descrição gramatical e propriedades do discurso. Além de apontar as vantagens das gramáticas textuais: ter uma base adequada para sistematizar o relacionamento com outras teorias do discurso, fornece base linguística para modelos cognitivos relacionados à linguagem e oferece base para o estudo do texto, do discurso e da linguagem. Para ele, é a macroestrutura profunda que define a significação do texto como um todo e a microestrutura é a superfície do texto. Como a sua gramática estava no espectro do gerativismo, ela originaria “infinitas estruturas textuais profundas”.

A partir das contribuições de Van Djik, Marcuschi (2012, p. 27) postula: “O texto torna-se a unidade linguística por excelência, pois para Van Djik é por textos e não por sentenças que nos comunicamos”. Percebe-se uma mudança na visão do que era o texto na era das Gramáticas de frase e das análises transfrásticas passando para o que se conhece por Virada Pragmática.

Quando os estudiosos se deram conta de que precisavam ir além, porque perceberam que o texto era a base da interação humana, passaram a adotar a abordagem pragmática e não mais ficaram apenas na sintático-semântica. Em meio a tantas pesquisas, a LT entrou em uma nova fase: a língua nos processos

comunicativos. O texto começou a ser visto como parte de um enorme processo e não sendo visto somente como produto. A partir da década de 1970, começou a surgir uma corrente, por influência da Psicologia da Linguagem, que afirmava que a língua era uma ferramenta específica da comunicação social verbal humana que se relacionava com outras atividades do homem. Foi então que à LT lhe competiu a tarefa de relacionar essas teorias ao texto, provando que eles também seriam “formas de ação verbal” (KOCH, 2018).

Wunderlich (1976, conforme KOCH, 2018) foi um dos mais empenhados autores por incorporar a pragmática aos estudos do texto através da sua Teoria da Atividade Verbal. Isenberg (1976), também segundo Koch (2018) também seguiu pela perspectiva pragmática, destacando sua importância nos aspectos sintático e semântico. Com isso, fica claro que o interlocutor não somente compreende o texto, como também necessita descobrir os propósitos comunicativos do locutor.

Seguindo a linha dos autores que percebem o texto diretamente relacionado ao componente verbal e caracterizado por ele, Koch (2018) também cita Schmidt (1973) conceitua o texto como um elemento verbal enunciado no ato de comunicação com orientação e propósito comunicativo determinado. Porém a textualidade é mais abrangente, posto que é entendida como toda “comunicação transmitida por sinais”. Para ele, se é a teoria do texto que trata da produção e recepção de textos que funcionam como componente comunicativo, ela é, obrigatoriamente, pragmática. Em Marcuschi (2018, p. 27), Schmidt (1973) entende o texto como “expressão de um conjunto linguístico num ato de comunicação... orientado e preenchendo uma função comunicativa”. Por fim, corroborando com a teoria da atividade verbal, o autor pontua que a linguagem é um sistema estruturado de atividades para alcançar um fim – a comunicação.

O autor Motsch (1986), conforme Koch (2018) acredita que se deve relacionar ações e propriedades do texto, já que os objetivos da ação podem ser alcançados através de expressões verbais. Motsch & Pasch (1987 *apud* KOCH, 2018) compreendem que a atividade linguística se dá quando há um propósito comunicativo para alcançar dado objetivo por meio de condições que o possibilitem. Para tanto, há um acordo (às vezes tácito) entre os interlocutores.

Heinemann & Viehweger (1991), segundo Koch (2018) certificam os “princípios” que consolidam a Virada Pragmática: o uso da língua implica agir com um propósito e isso se realiza por meio de indivíduos, a ação de uso da língua acontece com a produção e recepção de textos (e por isso, os textos são produto de ações verbais), há um plano de ação para a ação verbal na situação comunicativa e os textos são vistos como parte constituinte do todo, desde o momento em que começam a ser produzidos. Um dos responsáveis pela Virada foi Van Dijk (1981 segundo KOCH, 2018) que ao discorrer sobre o macroato de fala, põe em evidência a Pragmática ao relacioná-la com o planejamento e propósito da conversação. Decorrente disso, a discussão sobre coerência e sua importância voltou a ter destaque. O autor postula que todas as experiências e características dos interlocutores influenciam no modo como a coerência se estabelece no texto e que a compreensão deste é regida por “regras de interpretação pragmática”.

O conceito de coerência alcança outro patamar ao ser considerada fundamental para a interpretação, na visão de Charolles (1983 conforme KOCH, 2018), para quem não havia enunciados incoerentes, posto que na situação enunciativa, seria possível tornar o que parecia incoerente, coerente ao construir um contexto. Aproximava-se a Virada Cognitivista.

Com a percepção de que qualquer ação do indivíduo é desencadeada por processo mentais cognitivos e que, portanto, é necessário ter à disposição modelos mentais, surge uma nova vertente para nortear a LT nos anos 1980. Nesse momento, o texto já é visto como uma consequência desses processos. A ideia é que os interlocutores já tem, de fato, modelos que são ativados para que a comunicação seja efetiva. Os tais modelos são conhecimentos diversos assentados na memória, que são solicitados de acordo com o estímulo e propósito comunicativo. Este processo acontece, inclusive, na compreensão de textos.

Marcuschi (2012, p. 30), apoiado em Beaugrande e Dressler (1981), afirma então que o texto é “resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações comunicativas”. O elemento cognitivo já se faz presente e a função primária do texto é a interação. O autor defende que o texto está sob fatores internos e externos e que a LT tem que enxergar além da estrutura linguística na produção e recepção de textos.

Seguindo ainda a esteira de Koch (2018), o texto parte destas operações cognitivas e por isso é da LT a incumbência de estabelecer modelos que descrevam o texto para decifrar os processos cognitivos e relacioná-los a todas as ações que envolvem a produção e recepção de textos. Têm papel fundamental no texto quatro tipos de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e o de modelos textuais, segundo Heinemann & Viehweger (1991 *apud* KOCH, 2018).

O linguístico é todo o conjunto de saberes relacionados à gramática e ao léxico, portanto ele nos garante, de certa forma, a coerência. São as regras de uso da língua, seu sistema. É acessando a este conhecimento que se compreende a maneira como as ideias se organizam no texto, o léxico escolhido, os elementos de coesão e dessa forma, consegue-se interpretar e compreender o texto. O enciclopédico abarca os conhecimentos gerais sobre o mundo que estão armazenados na memória de cada um, seria o conhecimento compartilhado por dada sociedade, adquirido de maneira formal ou informal. Envolve saberes e experiências culturais e sociais. Nele, estão os modelos cognitivos originados da Psicologia ou Inteligência Artificial que receberam diversas nomenclaturas e se caracterizam por serem sistemas de conhecimento, de acordo com Koch (2018).

O conhecimento interacional são os relacionados à interação, à forma como os indivíduos interagem, é o conjunto de saberes aos quais se recorre quando se está diante de uma situação comunicativa, desde as mais simples até as complexas. É saber o que, como, quando e onde fazer, em resumo, pode-se dizer que também é comportamental. Subdivide-se em conhecimento comunicativo, ilocucional, metacomunicativo e superestrutural. Por último, o conhecimento dos modelos textuais é o que possibilita identificar a qual gênero pertencem os textos e as diferenças entre eles. A concepção atual é esta, mas à época era uma espécie de modelos cognitivos que hoje se aproxima da concepção de gênero (KOCH, 2018).

Todos estes conhecimentos, que são acionados quando o interlocutor se depara com o texto, nas suas mais variadas formas, são assim apresentados apenas para uma melhor organização didática, mas na prática todo o processo acontece em conjunto. Os “tipos” de conhecimento são como sistemas de controle de outros sistemas que envolvem o domínio de práticas, estratégias

e/ou do objetivo da interação (HEINEMAN & VIEHWEGER, 1991 *apud* KOCH, 2018).

Cada usuário da língua, ao processar um texto, lança mão de estratégias que dependem tanto das características do texto como das dos interlocutores e de toda sua bagagem cognitiva. As estratégias são classificadas como: cognitivas, sociointeracionais e textualizadoras. Um exemplo das cognitivas são as conclusões que se tira devido ao que já foi lido/ ouvido e sobre o que ainda está por vir. Porém como cada interlocutor pode construir o sentido de texto de maneira diferente, a interpretação também pode ser diferente. Em outras palavras, são as induções que tornam o texto coerente para o interlocutor, conforme Koch (2018).

As sociointeracionais implicam conhecimentos ou fórmulas utilizadas para manter em bom funcionamento a situação comunicativa. Exemplos dela são: polidez, preservação de faces, entre outras. Apesar destas “técnicas”, situações conflituosas podem acontecer e gerar mal entendidos entre os interlocutores, que podem ser desfeitos através de negociações durante a comunicação, já que durante toda a interação os objetos de discurso são (re)construídos.

Sobre as estratégias textuais, que também se encaixam nas estratégias anteriores, são basicamente as escolhas que o enunciador faz para produção de sentidos e alcance dos propósitos comunicativos. São os princípios da textualidade, apontados por Beaugrande & Dressler (1981 *apud* KOCH, 2018).

Na ocasião do lançamento da obra de Beaugrande & Dressler, a LT já estava entrando em outra fase, ou seja, o conceito de texto naquele momento estava em transição. Tal obra foi bastante significativa por apresentar o conceito de textualidade e seus princípios, aos quais Koch (2018, p. 40) prefere se referir como “princípio de construção textual do sentido”.

Quando da Virada Cognitivista, já se observava os diferentes processos que aconteciam dentro e fora da mente humana e as influências de um sobre o outro. A ciência buscava entender a forma como o conhecimento estava estruturado e a maneira como é ativado para o uso em distintas situações comunicativas, de modo que todas as experiências do indivíduo cumprem importante papel nas relações com outros indivíduos e sua cultura. Abandona-se a ideia de que a mente não se relaciona com o corpo. Linguistas postulam

que “a cognição é o resultado de nossas ações e das nossas capacidades sensório-motoras”, conforme Koch (2018, p. 42).

Koch (2018) defende que a cognição é situada, ou seja, tem lugar dentro e fora da mente humana. Rotinas simples acontecem pela junção entre a mente e o comportamento, a ação em si demandada pela mente. Aqui já se entende que a Linguística implica uma interação, seja ela em grupo ou aparentemente individual (uma apresentação de coral ou leitura de um texto, respectivamente). Todas as ações linguísticas têm contexto, razão de ser, finalidade, propósito comunicativo, por isso Koch & Lima (2004), segundo Koch (2018), entendem que rituais, gêneros e formas verbais não são neutros no que se refere a contextos sociais e históricos.

Na perspectiva sociocognitivo-interacionista, a linguagem é um caminho de via dupla em condições também duplas, já que se observa a relação do enunciador/interlocutor com a realidade e da própria linguagem com outros processos cognitivos. A cognição são os diferentes conhecimentos em distintas formas. Neste campo, observa-se também a evolução do conceito de contexto, que se antes era o que estava na superfície, com o passar do tempo, passou a ser todo o ambiente da situação comunicativa e, hoje, é a interação em si mesma. Ele forma e se forma na/da interação, conforme postula Koch (2018).

Nesta altura da história da LT, o texto já é considerado “o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2018, p. 44). Em decorrência disso, surge uma ´série de questionamentos sobre a linguagem e dentre eles, destaca-se (por serem objetos deste estudo) os gêneros e a dêixis. A discussão sobre a dimensão do texto e seu conceito avança.

O texto já havia alcançado um status superior ao que teve anteriormente, pois o fato de ele ser um elemento fundamental na comunicação humana já fora reconhecido. O sentido do texto não está somente na superfície (cotexto), mas em toda sua estrutura, intenção e propósito comunicativo. Ele é também construído a partir da interação que acontece entre o autor e leitor, como resultado da interferência dos conhecimentos prévios e compartilhados, contexto histórico, social e cultural. Em suma, o autor atua como guia para que o leitor construa o sentido baseando-se no cotexto e no contexto (KOCH E ELIAS, 2016). Na verdade, muitas informações acabam não sendo explicitadas porque

o falante/autor infere que o ouvinte/leitor vai acessar o seu conhecimento prévio/anterior, além das inferências realizadas ao longo da interação.

Tradicionalmente, o texto não era visto como construto social resultante da interação entre autor e leitor, posto que era conceituado de maneira mais rígida na comunicação. Tanto que a discussão sobre os conhecimentos prévios tanto do autor quanto do leitor nos conceitos de texto, muitas vezes não aparecia. Assim como o debate sobre a imagem ser ou não ser considerada texto.

Fávero e Koch (2012, p. 29) citam autores que apresentam visões hierárquicas sobre o texto, como Dressler (1970) e Weinrich (1971) que o caracterizam como “unidade linguística mais alta e mais independente” e “maior unidade linguística”. A partir de concepções como estas, o texto foi compreendido como “unidade básica da comunicação e interação humana” e então “como resultado de uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas” (KOCH E ELIAS, 2016, p. 31).

O processo de compreensão textual é bastante complexo e passa pelos princípios de textualidade, a saber: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade. Estes elementos são basilares para o que Beaugrande (1997 *apud* KOCH E ELIAS, 2016) chamou de formas de conectividade. Tais princípios, normalmente, não se apresentam expressamente e de forma delimitada no texto. É o todo, a junção dos princípios com todos os aspectos socais e cognitivos, que proporciona a compreensão do que está no texto, o que está além dele e o que se constrói como resultado desta interação.

A compreensão que se tem do contexto atualmente é bem diferente de quando se iniciaram as pesquisas sobre texto. Posto que naquele momento, considerava-se apenas o texto em si e não todo o seu entorno, como se observa nas pesquisas a partir dos anos 1980. A visão de contexto tornou-se ampla e passou a abranger além dos participantes, a situação comunicativa, o propósito, o local da interação, a bagagem cognitiva, além do próprio texto. É condição necessária, portanto, que os participantes compartilhem, pelo menos, o mesmo contexto. Faz-se uso de várias estratégias para alcançar o propósito comunicativo do texto, independente de ele acontecer na cadeia escrita ou falada. Koch (2015, p. 26) ratifica que “para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos cognitivos sejam,

pelo menos, parcialmente semelhantes". A autora chama de "*contexto sociognitivo*" esse conhecimento compartilhado acessado que acontece na interação. No entanto, isso não significa que as pessoas possuam idêntico conhecimento, o que ocorre é uma negociação à medida que vai avançando a situação comunicativa. Caso contrário, se o contexto é alheio a um dos participantes, possivelmente a construção de sentido e, por conseguinte, a compreensão ficarão comprometidas. Pode também haver lacunas no texto e é o próprio contexto que ajuda a saná-las ou esclarece-las.

Quando se considera o texto uma "entidade multifacetada" (KOCH, 2018, p. 164), o contexto tem um papel elementar no processo de compreensão, pois tanto o conhecimento linguístico quanto o compartilhado entre os sujeitos, contribuem para o resultado desta interação.

Fávero e Koch (2012, p. 34) traçam a diferença entre texto em sentido amplo e estrito e discurso, termos que por vezes se confundem e, para tanto, conceituam:

> O termo *texto* pode ser tomado em duas acepções: *texto* em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano [...], isto é, qualquer tipo de comunicação realizado por meio de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o *discurso*, atividade comunicativa de um falante, em uma situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado linguisticamente, por meio de textos (em sentido *estrito*). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência.

Conforme podemos observar neste conceito, enquanto o texto é visto como uma construção materializada através de um sistema de signos em diversos meios, como escrita, imagem, música; o discurso está no campo da oralidade e se apresenta através do texto. O discurso está na enunciação, é menos amplo que o texto, é uma das várias formas de manifestar o texto. Tradicionalmente, conceituava-se o texto como um enunciado de sentido completo, definição que reduzia e simplificava. Hodiernamente, é o ato comunicativo por meio do uso de signos. Esta definição amplia e redimensiona o conceito.

A textualidade como característica intrínseca ao texto, mas que também o conecta com o que está fora, alarga a noção tradicional de texto e, dessa forma, inclui gêneros que até então não eram vistos como tal, por exemplo os produzidos no meio digital. Koch e Elias (2016) ressaltam que pelo fato de os textos não serem totalmente explícitos porque realmente não há necessidade, a coerência (visto como um princípio que reúne os demais e se explicita no texto por completo e não em partes específicas) é construída entre os interlocutores seguindo as pistas que estão no texto e que direcionam a forma como ele será compreendido.

Após a discussão sobre a trajetória da LT, através de reconhecidos autores da área, verifica-se que apesar de todos os avanços no conceito de texto, ainda não se fala em texto para além do verbal. Em Marcuschi (2012), observa-se claramente por meio do *corpus* utilizado em seu trabalho, que apesar de haver textos que hoje são identificados como verbo-imagéticos/ multimodais, apenas a parte verbal é analisada.

Com o trabalho de Cavalcante e Custódio Filho (2010), um novo universo é trazido à tona, baseado em abordagens que ganharam espaço à época. Os autores são adeptos da perspectiva sociognitivista na LT e defendem a dinamicidade do texto decorrente do próprio sociocognitivismo. Eles atribuem a esta característica a possibilidade de (re)discutir temas que pareciam assentados podendo, inclusive, apoiar-se em outras teorias. Nesta vertente, texto é processo que culmina na sua própria construção. A interação já é tida como um elemento fundamental para a construção e existência do texto. Por esta razão, eles defendem que não é possível falar em não texto, em termos absolutos – ideia oriunda da virada pragmática através dos princípios de textualidade que leva a inferir que somente contemplando tais princípios é que haveria um texto.

Cavalcante e Custodódio Filho (2010) reformulam o conceito de texto de Koch (2018) em que ela afirma que o texto é o lugar da interação. Consequentemente, os interlocutores também são fruto dela. Os autores lembram que linguagem abarca também a linguagem não verbal e suprimem a palavra linguísticos do trecho:

> A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos [~~linguísticos~~] presentes na

> superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64).

Com estas alterações, considerando que o texto verbo-imagético/ multimodal também implica em uma interação que gera sentido, pode-se afirmar que os exemplos utilizados em seu trabalho também são textos. Cavalcante e Custódio Filho (2010) admitem que o conceito de texto pela abordagem sociocognitivista permite este entendimento e exemplificam que as pinturas e os sinais de trânsito também são textos. Eles justificam que além do fato de se apoiarem numa superfície, é necessário acessar a bagagem cognitiva para que haja interpretação. Ademais, há a teoria, que se coaduna ao Sociognitivismo, que os estímulos reconhecidos pelos seres humanos acabam por exigir a atividade de interpretar. Neste sentido amplo, tudo pode ser texto.

Porém, os autores chamam atenção para o afrouxamento do conceito e para a necessidade de não banalizar a causa nas investigações da área. Neste sentido, defendem que é o pesquisador que deve se responsabilizar pelo objeto e oferecer suporte para dar conta dos múltiplos textos.

Esta discussão remete ao trabalho de Kress e van Leuween (2006), que conceituaram a multimodalidade como a junção de diferentes modos semióticos. O conceito permite ampliar e embasar o significado de texto de Cavalcante e Custódio Filho (2010). Eles demonstram através de exemplos de textos multimodais, que até mesmo na referenciação, pode-se observar a relação que se dá entre as porções verbal e não-verbal do texto. Ou seja, a multimodalidade atravessa esta “nova” definição de texto, considerando seu aspecto multifacetado.

Cavalcante (2012) ao discutir o conceito de texto traz exemplos de textos apenas verbais e de textos multimodais. Neste trabalho, a autora apresenta os conceitos de texto ao longo do tempo e se apoia na definição de processo de interação. Acrescenta que consiste num evento com interlocutores que trazem consigo uma bagagem social, histórica e cultural para construir o sentido. Ela analisa dois textos multimodais e demonstra que, de fato, a imagem é fundamental para a construção de significado e baseia-se na interação entre o autor e o(s) interlocutor(es).

Subsumido o conceito de texto, a sua materialização se dá através dos gêneros textuais/ discursivos, que por sua vez se manifestam por variados meios, sejam eles escritos, orais e/ou digitais. Este será o tema da próxima seção.

3.2 Gênero: conceitos

Seguindo a perspectiva sociocognitivista adotada e partindo do teórico basilar no estudo de gêneros, traz-se para a discussão Bakhtin, além de estudiosos dos estudos retóricos de gênero e pesquisadores brasileiros fortemente influenciados por estes, posicionando a investigação do gênero numa perspectiva mais geral. Quando se fala sobre gênero, possivelmente, vem à mente a dialógica: gêneros do discurso ou gêneros textuais? Além disso, o tema nos remete a um dos teóricos mais importantes da área: Bakhtin. Portanto, que se comece pelo início.

Na definição de Bakhtin (1997, p.280):

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada pelos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

Neste conceito, observa-se a caracterização do gênero e o posicionamento do autor frente à dicotomia: gêneros discursivos/ textuais que adota a nomenclatura gêneros do discurso/discursivos. A partir das características mencionadas no conceito de Bakhtin, surgiu o que se conhece por tripé bakhtiniano: conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional. Estes três elementos são cruciais para distinguir textos de diferentes gêneros. É mister destacar também a característica atribuída a eles: relativa estabilidade.

Ao mesmo tempo que alguns gêneros de certas culturas disciplinares são mais rígidos na forma/estrutura que se apresentam ao longo do tempo, outros são mais maleáveis, predispostos a sofrerem mudanças.

Cavalcante (2012) postula que os gêneros são estáveis e instáveis e justifica que a estabilidade se deve à origem e propósitos comunicativos. Porém a depender do meio e das práticas sociais podem sofrer variações. Gêneros do meio jurídico e acadêmico, por exemplo, tendem a ser mais engessados. Em contrapartida, gêneros do meio publicitário são mais passíveis de modificação. Além dos novos gêneros que podem surgir devido a novas práticas linguísticas.

Os gêneros existem para suprir necessidades e suas diferentes formas se devem aos propósitos comunicativos que são sua razão de ser.

A discussão sobre o uso de gêneros discursivos/ textuais é realmente relevante? Na realidade brasileira, parece que sim. Ao menos em algum momento. Bezerra (2017) dedica um capítulo de sua obra para tratar do tema. Alguns autores, na sua análise, mesclam as nomenclaturas. Outros adotam/ buscam adotar apenas uma, como Marcuschi (2000 *segundo* Bezerra, 2017) que explica a diferença entre ambas e elege uma para si mesmo. Para o autor, o uso do termo “gêneros textuais” faz referência aos aspectos empíricos da língua, já o de “gêneros discursivos”, a algo que se realiza na situação discursiva. Por fim, ele se mostra mais inclinado ao primeiro termo “por uma questão de simetria terminológica” (MARCUSCHI, 2000 *apud* BEZERRA, 2017).

Bezerra (2017) aponta que Marcuschi (2000, *segundo* Bezerra, 2017) até propôs uma nomenclatura mais certeira no objetivo pretendido, que seria o de evitar discussões quanto às diferenças entre texto e discurso: “gêneros comunicativos” e justifica que “textos são artefatos ou fenômenos que exorbitam suas estruturas e só têm efeito se se situarem em algum contexto comunicativo”. (MARCUSCHI, 2000, p. 78 *apud* BEZERRA, 2017) Porém, o próprio autor não adere à sua proposta e prossegue utilizando o termo bakhtiniano.

Em Marcuschi (2008) adota-se a posição de que ambas as expressões são sinônimas e serão usadas desta maneira, exceto quando for necessário salientar algum fenômeno.

Observando as discussões sobre o tema, percebe-se que teóricos de correntes anglófonas não se atêm a isso. Simplesmente não adotam um termo em detrimento de outro ou não se preocupam em distinguir-se de outras

abordagens, Schryer (1993, conforme BEZERRA, 2017) descreveu gêneros atribuindo-lhes características semelhantes às de Bakhtin no que se refere à relativa estabilidade dos gêneros.

Miller (2012, *apud* BAWARSHI E REIFF, 2013, p. 92) com seu conhecido conceito de “gênero como ação social”, explica “é uma ação retórica tipificada baseada numa situação retórica recorrente”. A autora entende que é um conceito mais complexo do que parece, mas postula que é possível perceber tanto a produção quanto a recepção de textos como forma de ação social e não somente a produção, como pode ser levado a crer. O gênero responde a uma ação social. A autora enfatiza a ação ratificando a ideia de que ela se baseia em situações recorrentes que demandam algo no indivíduo na situação comunicativa. Verifica-se a relação entre a forma de lidar com as situações e os gêneros. Antes da ação, há uma interpretação, que vem da compreensão do próprio gênero.

O gênero responde a uma necessidade de comunicar algo, ou seja, há uma demanda seguida de um propósito comunicativo. Desta maneira, o conteúdo se sobrepõe à forma. Anteriormente pensava-se que a estrutura era a característica mais importante do gênero. Porém com essa ideia resvalava-se em textos que usavam de uma estrutura x, mas com um propósito diferente do original. Atribuir-lhe a característica ‘social’ significa que ao longo do tempo convencionalizou-se a ideia que determinado gênero atende a um propósito específico, este comportamento foi assimilado pela comunidade linguística e tornou-se, assim, social.

Bawarshi e Reiff (2013, p. 95), a partir de contribuições de Miller, Bazerman e Schutz conceituam gênero como “a forma como construímos ou definimos mutuamente as situações que convidam a certas ações, eles ajudam a suprir o que Miller chama de motivos sociais.” Os gêneros, portanto, são motivados, respondem e criam ações sociais.

Os gêneros inserem os usuários da língua convidando-os a participar e se envolver em ações da comunidade, permitindo-lhes a compreensão do universo em que estão inseridos. Bazzerman (1994, *apud* BAWARSHI E REIFF, 2013) ratifica a definição de Miller e a explica. Para ele, o gênero não está no texto em si, mas sim na forma como o produtor e o receptor o percebem e constroem. Ele explica que o gênero está num campo psicológico e social de

reconhecimento, nasce historicamente, pratica-se socialmente e, assim, são distribuídos para que sejam adotados.

Bazzerman (2011) postula que os gêneros são coleções de enunciados com começo e fim, têm lugar no tempo e espaço e, em nossa percepção, portam algum sentido.

De maneira geral, autores estudiosos de gênero das correntes anglófonas de estudos retóricos e inglês para fins específicos não discutem, como no Brasil, a adjetivação ao termo “gênero” e, geralmente, apenas a inserem em situações pontuais nas quais se faça necessário por questões de conceito. Os diferentes termos que se usam são apenas formas distintas de tratar o tema e não necessariamente indicam segmentação. Na língua inglesa, há palavras diferentes para se referir a gênero, o que evita ambiguidades e reforça a não necessidade de se filiar deliberadamente a alguma corrente teórica. Já na língua portuguesa, “gênero” tem múltiplos sentidos e por isso é mais comum ver o termo sendo utilizado acompanhado dos adjetivos “discursivo” ou “textual”. Possivelmente o mais importante é indicar a qual corrente teórica se está vinculado ao eleger um ou outro termo. Porém apenas reduzir ou segmentar o tema numa dicotomia traria menos produtividade (BEZERRA, 2017). No entanto, quando se fala em gêneros de texto em inglês, há uma diferença entre este e os gêneros produzidos em outros meios como orais, digitais. São formas diferentes do gênero. Ademais, percebe-se que gêneros multimodais, em sentido estrito, não são profundamente abordados por algumas teorias de gênero, dado o interesse relativamente recente pelo tema.

Bezerra (2017) mostra que ainda persistem as dúvidas e oscilações sobre o que seria o seria gênero e o que o difere do suporte, do domínio discursivo, da estrutura, do tipo textual e até mesmo o que o difere do conceito de texto. Alguns equívocos acontecem pelo surgimento de novos gêneros e pela dificuldade de encaixá-los ou adequá-los, como os gêneros digitais. Partindo do mais elementar, gênero difere de texto, conforme os conceitos já trabalhados deste último e os que vêm sendo discutidos do primeiro. De fato, são conceitos próximos e pode-se reiterar que o texto tem sua constituição baseada nos gêneros existentes. Marcuschi (2008) defende que a comunicação verbal acontece somente por meio de textos em algum gênero. Os gêneros são textos com padrões específicos apoiados no estilo, composição e propósitos

comunicativos materializados devido à junção de “forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, 155).

Bazerman (2011) também difere texto de gênero ao explicar que o último pode ser aplicado para qualquer tipo de declaração portadora de significado, não sendo imediatamente ligado a um texto, por questões de delimitação do gênero. O texto para ele, é algo mais complexo. Miller (2011), por sua vez, corrobora com o pensamento do colega e aponta que o gênero é um acordo social e o texto, “um modo de materialização de um enunciado”. São domínios conceituais diferentes.

O suporte, também comumente confundido com o gênero, é, de maneira simplista, o meio pelo qual o texto é materializado em algum gênero e, desta forma, torna-se acessível. O conflito deve-se ao fato de que o suporte pode ser crucial na classificação do gênero a depender da relação estabelecida entre eles. Marcuschi (2008, p. 174) conceitua suporte como “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. Ou seja, é o lugar em que o texto aparece. O autor defende que há gêneros que solicitam um suporte específico. Observe-se o exemplo retirado de Marcuschi (2008, p. 174):

(1) “*Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder. Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica*”.

O autor explica que se o texto acima for escrito num papel e colocado sobre a mesa, é um bilhete. Se for enviado pelos correios num formulário, é um telegrama. Adiciona-se a estas hipóteses a de que se for digitado e enviado via mensagem de celular é um *SMS* e se for digitado e enviado via aplicativo de mensagem instantânea, é uma mensagem de *Whatsapp* ou *Telegram*.

É importante salientar também a existência de suportes convencionais e incidentais, tal como menciona Marcuschi (2003). Aqueles que foram criados no intuito de serem portadores de textos são os suportes convencionais. Por sua vez, os suportes que eventualmente portam textos - ainda que sua finalidade original não seja essa - e aparecem em diversas situações (inusitadas, inclusive) são os incidentais.

Basta pensar na diversidade de gêneros presentes em suportes como *outdoor*, rede social ou muros. Pode-se observar que é possível verificar, em um *outdoor*: um convite aberto a comunidade, o anúncio de um evento. Da mesma

forma, nas redes sociais, de forma geral, pode-se ver comentários, vídeos, entre outros. Porém há textos em que coincidem o gênero e o suporte, como o e-mail, que além de ser um portador (suporte) de textos de gêneros diversos, também pode ser o gênero e-mail, especificamente. O mesmo acontece com o gênero eleito para constituir o *corpus* deste trabalho: o cartaz de campanha socioeducativa que é, simultaneamente, gênero e suporte. Em casos como esse, há de se levar em conta o domínio discursivo.

O domínio discursivo tem mais a ver com a esfera, com o meio em que acontece e circula um gênero, por exemplo religioso, jurídico, publicitário. Ele envolve e dá origem a vários gêneros, são práticas próprias que fazem parte de determinados "universos". Marcuschi (2008, p. 155) postula que "constitui mais uma "esfera da atividade humana" no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas*". Ainda conforme Marsuchi (2008), é uma parte ou setor em que acontecem práticas que dão origem a modelos de comunicação que se estabilizam e são socializados com fins claros. Promovem ação, reflexão e avaliação determinando formatos textuais que culminam na estabilização de gêneros. O domínio discursivo molda as práticas sociais, na medida em que os gêneros e os produtores de texto de variados gêneros funcionam e comportam-se de maneira diferente em situações distintas. Da mesma maneira, há domínios discursivos mais rígidos e, portanto, menos suscetíveis a mudanças ou que propiciem mais facilmente o surgimento de novos gêneros.

Quando se fala em gênero, é comum a atribuição de uma das principais caraterísticas ser a estrutura, porém sabe-se que apesar de ser um ponto muito importante não é algo único que define o gênero. Tanto é que não são raras as situações nas quais vê-se um texto de gênero x usando a estrutura de gênero y, mas com o propósito comunicativo original do gênero x. Em Bezerra (2017), enfatiza-se que a crença de que estrutura define gênero vem de uma confusão entre gênero e texto e também de uma redução ao aspecto material do texto. Marcuschi (2008, p. 154) explica "Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares." Ou seja, o que definirá a qual gênero pertence o texto, entre outras características, são seus propósitos comunicativos.

A confusão entre gênero e tipo textual é ainda mais comum, no entanto Bezerra (2017, p. 44) conceitua tipos textuais como “aspectos da composição de textos pertencentes a diferentes gêneros”. São formas usadas pelo enunciador. No dizer de Marcuschi (2008, p. 154) é uma “sequência subjacente aos textos”, “espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição”. A questão é que os tipos textuais são bem poucos se comparados aos gêneros que não ilimitados, mas são múltiplos e com possibilidades de surgirem novos, por exemplo em domínios discursivos mais flexíveis, como a publicidade. Em geral, os textos podem ser narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos, injuntivos quando se fala em tipos textuais. Não é questão de situar gênero e tipo textual como opostos e sim de relacioná-los, conforme Bezerra (2017).

Finalmente, Marcuschi (2008, p. 156) destaca, amparado por outros autores, que os gêneros não podem ser vistos entidades rígidas e sim:

> como formas culturais cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, [...] têm uma identidade e eles são entidades poderosas, que na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas.

Os gêneros são modelos comunicativos convencionais - devido ao uso e aceitação social - que se caracterizam segundo a forma, função, conteúdo, meio de transmissão, papel dos interlocutores e contexto situacional. São estes elementos que, predominantemente, tipificam, distinguem e nomeiam os diversos gêneros.

Maingueneau (2004, conforme MARCUSCHI, 2008) apresenta uma divisão dos gêneros chamada “regime de genericidade” e categoriza como: regime de gêneros conversacionais e instituídos. O primeiro seriam gêneros mais instáveis, sem organização temática, por exemplo as conversas informais. Os instituídos são, em contrapartida, comuns no convívio social diário, porém mais ‘organizados’, mais estáveis institucionalmente, típicos de domínios discursivos um pouco mais rígidos. Incluem também gêneros com caráter autoral devido ao estilo, comuns na literatura, política. A teoria mostra a possibilidade de distinção de regimes de produção textual no interdiscurso e, assim, demonstra que os gêneros não são escolhidos aleatoriamente pelos usuários de uma língua, pelo contrário, a escolha se sustenta pelos propósitos definidos.

O gênero é também uma forma de controle social, primeiramente porque não se faz uso deles por livre escolha. Parte-se de uma cultura disciplinar nos domínios discursivos, mesmo em situações comunicativas informais. Faz-se uso, a partir da “escolha” entre os modelos já existentes e observando o meio em que será utilizado. Além disso, certos gêneros são produzidos apenas pelos que têm estrutura e poder para tal, como a expedição de um diploma. O texto ultrapassa a comunicação, movimenta com as estruturas de poder, provando que a língua não é apenas interação e que a linguagem recobre o ser humano. O indivíduo faz uso dessas estruturas que se estabelecem através do gênero (MARCUSCHI, 2008). O indivíduo é moldado, então apesar do conhecimento assentado que o gênero é subjetivo, psicológico, é necessário enfatizar que é também social no sentido que os modelos cognitivos ao mesmo tempo em que são construídos socialmente também se constroem dessa maneira.

Marcuschi (2008, p. 159) resume:

> Os gêneros são entidades dinâmicas, históricas, sociais, situadas, comunicativas, orientadas para fins específicos, ligadas a determinadas comunidades discursivas, ligadas a domínios discursivos, recorrentes e estabilizados em formatos mais ou menos claros.

Bakhtin (1997) explica que a variedade de gêneros é infinita porque a própria variedade da atividade humana é infinita, posto que cada campo apresenta um sistema de gêneros que ao se relacionarem, diferenciam-se e ampliam-se dando origem a novos gêneros. Nesse sistema e fora dele, textos de gêneros diferentes conversam, podendo haver trocas de forma, função, propósito. A partir dessa relação entre os gêneros, acontece a intergenericidade. Quando Bakhtin (1997) apontou a ‘relativa estabilidade’ dos gêneros, referiu-se à sua forma, o que pode ser entendido como maleabilidade que determinados gêneros têm, inclusive, ao tomarem forma de outros e permanecerem pertencentes àquele gênero inicial. Marcuschi (2008, p. 165) adota a expressão “intertextualidade tipológica” de Fix (1997) para nomear a mistura ou hibridização de gêneros. O referido autor, no entanto, usa a expressão intergenericidade. Apesar dos nomes divergentes, ambos consistem no mesmo. Essa prática muito comum de adotar características de um gênero em outro é um artifício para tornar o texto mais atrativo.

Fix (2006, p. 273) afirma que:

> A intertextualidade, particularmente na sua forma tipológica, à medida que diz respeito às relações despreocupadas com os padrões não representa apenas recurso estilístico, mas é o recurso estilístico predominante na área mencionada de comunicação. Considero essa forma de intertextualidade como pós-moderno porque vive na dissolução do cânone.

A intergenericidade ocorre quando um gênero com função A, tem forma B, quando, tradicionalmente, espera-se que tenha estrutura composicional A, por exemplo um convite de casamento em forma de poema. O intuito do autor é convidar o interlocutor para um evento, no entanto é utilizada a forma do gênero poema, que tem propósito comunicativo diferente do convite. Esse recurso rompe com o que se espera, joga com o inesperado, quebra a expectativa para produzir melhor efeito de sentido.

Koch e Elias (2008, p. 114) utilizam as expressões “hibridização” ou “intertextualidade intergenérica” para tratar do mesmo evento. No entanto, elas destacam a “competência metagenérica” que consiste no conhecimento que o falante traz consigo sobre os gêneros, sua estrutura e características que o possibilita interagir nas diferentes situações comunicativas, seja produzindo ou reconhecendo textos de diferentes gêneros. Essa competência nos ajuda a fazer melhor uso dos gêneros e, por conseguinte, orienta nossas interações. É consenso que somos capazes de reconhecer o gênero de um texto, porque é de conhecimento compartilhado a sua estrutura composicional e o conteúdo (previsto).

Marcuschi (2008, p. 163) julga não ser interessante “imaginar que os gêneros têm uma relação biunívoca com formas textuais”, já que justamente pela sua relativa estabilidade, textos de um mesmo gênero podem aparecer com características ou formatos diferentes. O que não constitui um gênero diferente, mas sim a intergenericidade. Com ela ultrapassamos os ‘limites’ de um gênero, inserindo-o em outro, misturando formas e funções de maneira intencional para atingir o propósito comunicativo do enunciador.

Ademais das discussões sobre intergenericidade, outro fenômeno ronda o universo dos gêneros: a metagenericidade. É uma competência que permite a interação nas práticas sociais, orienta a produção das práticas e a compreensão dos gêneros produzidos, sendo elementar para a produção de sentido (Koch e Elias, 2008). Na prática, ela se assemelha à intergenericidade, mas é a

metagenericidade que permite identificar, através das já mencionadas características do gênero, qual o gênero do texto. As autoras defendem que implicitamente Bakhtin (1997), abordou a competência metagenérica ao explicar que os gêneros se comportam de certo modo, com certa função, numa certa esfera. Graças a essa competência, é possível reconhecer os gêneros e produzi-los. Não significa dizer que são rígidos, na realidade, conforme já discutido, há muita maleabilidade em gêneros de determinados domínios discursivos. Se a metagenericidade não existisse e a cada situação comunicativa os indivíduos fossem criar individualmente gêneros, a comunicação seria praticamente impossível.

Ao longo dessa discussão sobre o conceito e características do gênero ficou perceptível que o estudo das teorias de gênero, ao longo tempo, privilegiou a análise da modalidade escrita, ainda que o objeto de estudo fosse textos de natureza verbo-imagética. Essa tendência permaneceu por muito tempo, tanto que inclusive em trabalhos recentes, de certo modo, nos quais se faz uso de textos do tipo, não há sequer menção ao que se vê além da parte verbal. A observância dos elementos visuais em gêneros com múltiplas semioses passou a despertar o interesse com o surgimento do que se conhece por gêneros emergentes, como os do meio digital. Esteado nesse ambiente fecundo que é o gênero multimodal, será abordado o gênero cartaz de campanha socioeducativa.

3.3 O gênero cartaz

O gênero cartaz, de maneira geral, é acessível, e pode aparecer em variados suportes: *outdoor*, adesivos, anteparos e espaços públicos e privados. Costuma ser conciso, breve, com verbos no imperativo e frequente uso da multimodalidade. A organização do cartaz, fonte, cor, tamanho, imagem a ser utilizada, tudo é pensado de maneira a alcançar o propósito comunicativo que pode variar desde o anúncio de um evento, um produto ou conscientização do público-alvo para determinada ação, causa, para gerar um comportamento, informar algo. O perfil do enunciador também tem papel fundamental, pois a depender dele, entra em jogo o argumento de autoridade. A função de linguagem

predominante é a conativa já que a intenção, muitas vezes, é induzir o coenunciador a um comportamento, ação. No entanto, a função informativa também pode ser frequente. Apresenta linguagem simples e recursos pensados para uma leitura rápida (ABREU, 2011).

O cartaz, em sua origem, teve uma configuração bem diferente da que se conhece hodiernamente. O gênero modificou-se bastante ao longo do tempo atendendo necessidades e interesses vigentes. A origem e história do cartaz acompanharam as mudanças no mundo, sejam elas econômicas, sociais, tecnológicas, políticas, artísticas, segundo Abreu (2011).

Conforme Abreu (2011), os precursores do gênero, que se conhece hoje por cartaz, eram esculpidos em pedras ou placas de argila contendo mensagens dos governantes. Posteriormente veio o pergaminho, seguido do papiro e, por último, o papel. Nesse momento, a imprensa móvel já havia sido descoberta.

O primeiro cartaz foi produzido em 1454, manuscrito e sem imagem. O autor foi Saint-Flour. A iniciativa agradou e logo foi copiada no intuito de divulgar produtos e eventos. Porém no Reino Unido, quem trouxe a imprensa móvel foi William Calixto, em 1480, por meio de um cartaz colocado na porta das igrejas para promover um livro (CÉSAR, 2000 *segundo* ABREU, 2011).

Anos mais tarde – em 1796 – um autor de peças de teatro, Aloys Senefelder, inventou uma técnica que consistia em imprimir as suas partituras musicais desenhando numa pedra com uma tinta feita de cera, sabão e negro de fumo. Essa técnica revolucionou por causa da possibilidade de usar cores e traços curvilíneos: era a litografia. Pintores e ilustradores adotaram a técnica devido ao seu baixo custo, o que permitiu a ampla circulação de imagens. Em 1816, a primeira empresa de impressão de litografia abriu em Paris, conforme Abreu (2011).

Ainda segundo a autora, vários pintores franceses iniciam a produção de cartazes publicitários com estilo artístico, em 1860. Nos EUA, designers gráficos seguiam o mesmo caminho. A combinação de porção imagética e verbal já era realidade. O artista plástico Jules Chéret percebeu que o recurso imagético envolvia o público. Já em 1886, ele criou um pôster que revolucionou devido aos seus efeitos dinâmicos. O artista adaptou a técnica passando a usá-la em pedras

grandes, o que permitiu a criação de grandes cartazes, semelhantes, em tamanho, aos *outdoors* atuais.

Figura (1): Valentino – cartaz de Jules Chéret
Fonte: https://barbanarizebolacha.wordpress.com/2015/09/22/cartaz-a-origem/

O pintor Toulouse-Lautrec e Chéret começaram a trabalhar com tintas mais resistentes, possibilitando o uso de cartazes em ambientes externos. O cartaz alcança o *status* de arte espalhando-se por toda Europa. Ao mesmo tempo que a indústria gráfica se desenvolvia, o fotolito (película em que se registram imagens e palavras) também. Os cartazes, portanto, já podiam ser produzidos em larga escala, seja para divulgação de produtos ou eventos. Em 1896, Edouard Manet cria um cartaz com configurações muito modernas: intuito de comunicar, relação entre porção verbal e não-verbal, afirma Abreu (2011).

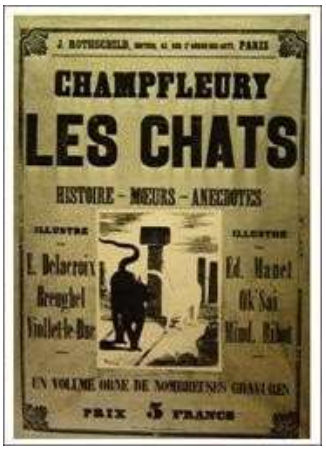


Figura (2): Chamfleury Les chats – cartaz de Edouard Manet

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Champfleury-Les-Chats-cartaz-de-Edouard-Manet_fig4_277146460

No século XX, os cartazes já expressavam o modo de vida, valores e eram amplamente utilizados para anunciar produtos pelo seu forte poder de persuasão. Passaram, então a ser utilizados na política também na Europa e nos EUA. Dessa forma, o cartaz foi se modificando e atendendo aos interesses de cada época. O cinema também exerceu forte influência por utilizar cartazes para divulgação de filmes, afirma Abreu (2011).

Moles (2005, p. 43) resume o que permitiu a evolução do cartaz: “a possibilidade técnica de ilustrar pela imagem em grande escala e necessidade de reduzir o texto devido à velocidade de deslocamento do indivíduo em relação ao estímulo”. A relação estabelecida entre as partes verbal e imagética e a construção de sentido permitiu não somente o desenvolvimento do gênero, como também o tornou mais atraente para o interlocutor.

A constituição do cartaz mudou bastante: no início apenas a parte verbal, depois verbo-imagética colorida, alçou a posição de arte, foi abraçado pela publicidade e política e hoje é utilizada por vários setores e com diversos propósitos comunicativos.

Moles (2005) esclarece que nem todo cartaz é de cunho publicitário, muitos, inclusive são de natureza não-publicitária no intuito de levar sua ação ao conhecimento do público. O autor elenca e discute as seis funções do cartaz: informação, propaganda ou publicidade, educadora, ambiência – relacionada à psicologia, estética e criadora. A primeira função está relacionada à linguística, à semiótica, é o que de fato está expresso no cartaz, suas informações. A função de propaganda é sobre a localização do cartaz, sua difusão. A educadora é sobre o condicionamento a certos valores culturais, relaciona-se à bagagem sociocognitiva. A função da ambiência trata do ambiente em que se produz o cartaz e o ambiente de difusão. A penúltima função é a estética, se relaciona às técnicas de produção do cartaz. A função criadora é poética, “é a criação artística

absoluta” (MOLES, 2005, p. 56). Embora sua pesquisa esteja mais direcionada a cartazes com propósito comercial, também se pode aplicar algumas situações ao cartaz de maneira geral.

As funções do cartaz propostas por Moles (2005) quando direcionadas ao cartaz de campanha socioeducativa podem ser claramente percebidas. A informação relaciona-se ao que está no cartaz, ao que aparece claramente nele, à parte verbal, são as informações contidas nele. A propaganda evidencia-se nos locais de circulação dos cartazes. Nesse caso, eles aparecem no próprio órgão que produziu a campanha ou em outras repartições públicas, em ônibus, rodoviárias, lugares movimentados. A função educadora tem uma relação muito estreita com o cartaz de campanha socioeducativa por ser a que mais se encaixa no perfil devido ao propósito do texto de conscientizar, induzir a determinado comportamento. A ambiência relaciona-se ao local de produção – o próprio órgão ou agências de publicidade, a função estética é o modo de fazer, os recursos utilizados e nesse sentido devido ao avanço das tecnologias, há uma infinidade de recursos visuais, porém as instituições, tendem a preferir imagens mais verossímeis para aproximar o interlocutor e acabam explorando mais aspectos da diagramação como fonte, cor da fonte, tamanho. Finalmente a função criadora relaciona-se à criação do cartaz em si.

Na produção do gênero, o enunciador também deve levar em consideração o coenunciador, quem vai consumir o texto. Portanto, Moles (2005) caracteriza o interlocutor, segundo o nível de atenção, o tempo disponível para leitura, a taxa de esforço intelectual para construção do significado, o nível cultural (a bagagem sociocognitiva), a taxa de implicação – que seria o grau de envolvimento com o texto e o fator psicológico. Conhecer o interlocutor é fundamental para o alcance dos objetivos do texto, influencia na forma de escrever, quais recursos utilizar, as informações prévias do coenunciador.

Moles (2005) postula que dois fatores são essenciais no estabelecimento de uma campanha: a qualidade do texto e do suporte. Em outras palavras, a importância, validade do que se tem a dizer, a originalidade e a inteligibilidade, além da forma de expressão para atingir o propósito do enunciador.

O enunciador lança mão de algumas técnicas para convencer o interlocutor, segundo o propósito comunicativo: vender ou divulgar um produto, informar sobre algo, conscientizar sobre algum tema de impacto social, econômico ou cultural. Moles (2005, p. 201) nitidifica quais são as técnicas de persuasão: “ordem, convicção, sugestão, sugestão com variação, associação com uma série, reflexo condicionado, apelo à imagem de si mesma, argumentação, argumentação técnica e atração surrealista”.

- A ordem é perceptível através do uso de verbos no imperativo;
- a convicção é a afirmação de algo como verdade;
- a sugestão hipnótica consiste na repetição deliberada do produto anunciado;
- a sugestão com variação é um recurso multimodal de destaque no intuito de chamar a atenção para uma palavra ou trecho que se quer destacar ou a simples repetição;
- a associação consiste em associar o produto com uma categoria referencial: animal, fruta;
- o reflexo condicionado menciona ou se direciona ao recurso imagético estimulando que ao adquirir um produto se ganhará algo que agregue valor, além do produto em si;
- a argumentação (técnica) é elencar vantagens ao adquirir um produto, ideia;
- a atração surrealista é ser original e imprevisível (MOLES, 2005).

O cartaz de campanha socioeducativa costuma ter características marcadas de persuasão: ordem (uso dos verbos no imperativo), a convicção (as informações, importância do tema), a sugestão com variação (destaque de palavras ou expressões), a argumentação (sobre a importância da causa, efeitos sociais). Esses são alguns fatores que são observados na análise do *corpus* no próximo capítulo.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE DO CORPUS

Finalmente, findada a fundamentação teórica, neste capítulo é apresentado o caminho metodológico percorrido para realização das análises do corpus constituído para a presente investigação e discussão dos resultados. Todo o suporte teórico da caracterização da dêixis, dos estudos de texto e das teorias de gênero e, por último, do gênero cartaz sob a perspectiva de que os métodos de análise e classificação podem ser aplicados em objetos de natureza verbo-imagética, além dos já amplamente abordados de natureza verbal. A análise busca relacionar a análise dos dados com a teoria.

Conforme citado anteriormente, o gênero eleito para esta investigação foi o cartaz de campanha socioeducativa, posto que se mostrou, desde o início, um gênero frutífero pela riqueza de elementos verbais e imagéticos e, por conseguinte, devido à frequente ocorrência de textos desta natureza em recentes pesquisas na área de Linguística Textual. Percebeu-se que, em cartazes de campanha educativa havia a presença da dêixis e que uma de suas principais características estava presente: a ostensividade. Como se tratam de textos verbo-imagéticos, o apontamento, muitas vezes, é da parte verbal para a não-verbal. Ademais, o gênero citado não aparece em numerosas pesquisas relacionadas ao processo referencial dêitico. Com a concepção de texto assentada na abordagem sociocognitivista, analisam-se textos do gênero mencionado contendo os diversos tipos dêiticos, observando a relação estabelecida entre as partes verbal e imagética e a construção de sentido.

4.1 Natureza e tipo de pesquisa

Baseados nos objetivos desta pesquisa e cientes das variadas possibilidades de construção da realidade, o método de abordagem adotado foi o dedutivo. Segundo Martins (2013), este método parte de uma premissa de valor universal para chegar a um dado particular. Nesta pesquisa, defende-se que a dêixis também pode estar presente em textos verbo-imagéticos. Observou-se o conhecimento consolidado no que tange ao processo referencial

dêitico para identificar que há lacunas quanto à ocorrência de pesquisas do fenômeno em textos verbo-imagéticos: a maior parte das pesquisas utiliza textos essencialmente verbais e mesmo em pesquisas que utilizam textos verbo-imagéticos, não se observou a caracterização da dêixis e os efeitos discursivos de seu uso no texto. Portanto, a pesquisa parte de questionamentos quanto à configuração da dêixis em textos verbo-imagéticos.

Este trabalho consiste numa pesquisa documental, descritiva, interpretativa e qualitativa. Posterior à pesquisa teórica e à coleta do *corpus*, foi feita a descrição e interpretação dos textos analisados.

4.2 Procedimentos metodológicos

Para a realização desta pesquisa, levando em conta que apesar das inúmeras contribuições de pesquisas anteriores, algumas lacunas foram observadas – como o fato de que o *corpus* utilizado na maioria das pesquisas sobre o processo referencial dêitico é de natureza verbal, apesar dos textos verbo-imagéticos serem cada vez mais utilizados – a metodologia utilizada será exploratória.

Em seguida, foi analisado o *corpus* coletado em sites de busca, sites institucionais e/ ou redes sociais de algumas instituições públicas (Conselho Federal de Serviço Social, Ministério Público do Maranhão e de Santa Catarina, Tribunal de Justiça do Maranhão, Prefeitura de Teresina - PI) e privada (Concessionária Ecorodovias) no intuito de avançar na descrição do objeto eleito para investigação, baseados nos pressupostos teóricos escolhidos anteriormente. O *corpus* está constituído de textos com porção verbal e imagética. As instituições foram escolhidas por terem reconhecimento consolidado no que se refere a sua importância para a sociedade, são respeitadas e gozam de certa autoridade e prestígio.

A análise do *corpus* partiu da constatação da presença do elemento dêitico, das marcas que o identificam, da identificação do tipo de dêixis, seguida das estratégias utilizadas para construção de sentido e diálogo entre as partes verbal e imagética no gênero cartaz. A escolha do gênero deve-se à riqueza de

recursos verbais e imagéticos presentes nele, que potencializa seu poder de persuasão para alcance dos propósitos comunicativos do texto. Ademais, o fato de serem textos produzidos e disseminados por instituições públicas e uma privada que, em sua maioria, gozam de boa reputação perante os interlocutores, lhes confere o argumento de autoridade posto que são instituições que também operam na seara dos temas abordados nos textos coletados.

4.2.1 Procedimentos de coleta

O *corpus* analisado está constituído por 9 (nove) exemplares do gênero e suporte cartaz que fazem parte de campanhas socioeducativas de diferentes temáticas: combate às drogas, à exploração sexual infantojuvenil, novo coronavírus, má distribuição de renda, combate a incêndios, violência doméstica, violência contra o idoso, poluição ambiental e prevenção ao suicídio selecionados em um universo de 15 (quinze) exemplares coletados em sites de algumas instituições públicas e privadas como Ministério Público, Tribunal de Justiça, Prefeitura, entre outras que apresentam elementos dêiticos em sua constituição e que eles se conectem de maneira direta com a porção imagética. A utilização de apenas alguns exemplares é para evitar a exaustiva repetição de tipos dêiticos.

A coleta aconteceu entre os meses de outubro de 2019 e abril de 2020, através de sites de busca e sites/ redes sociais de instituições oficias. A intenção inicial era de limitar no tempo o *corpus* da pesquisa: coletar apenas textos do ano de 2019/ início de 2020, porém ficou perceptível que a ostensividade do fenômeno dêitico não está presente em qualquer exemplar de cartaz de campanha socioeducativa. Inicialmente, seria coletado até 2 (dois) exemplares de cada tipo dêitico, para posteriormente selecionar e partir do tipo mais comum que se encontraria para o mais raro, formando assim uma linha de classificação dêitica na qual se observe que alguns tipos são mais facilmente encontrados que outros em textos verbo-imagéticos. Porém no decorrer da coleta, identificou-se que alguns tipos dêiticos são de difícil ocorrência em textos do gênero cartaz de campanha socioeducativa, como por exemplo a dêixis de memória e a coleta de

tipos dêiticos específicos tornaria a pesquisa viciada. Por outro lado, a dêixis pessoal é extremamente comum em textos dessa natureza. Tendo ciência dessa peculiaridade, pretende-se analisar como acontece a construção do processo referencial da dêixis na construção desse tipo de texto, levando em consideração que, no gênero investigado, as imagens compõem parte fundamental do texto e, portanto, podem ser apontadas. Pesquisas anteriores como a de Silva (2005) e Sousa (2014) apesar de terem enfoque diferente, utilizaram também textos mistos para compor seu *corpus.*

4.2.2 Procedimentos de análise

Inicialmente, foram utilizados os teóricos que definiram e classificaram o processo referencial dêitico para fundamentar a pesquisa e direcionar no alcance dos objetivos desejados. Ao longo da pesquisa bibliográfica, foi observado que não há diversidade de estudos do processo referencial dêitico em textos verbo-imagéticos, daí a importância da presente pesquisa. Portanto, foi observado como se dá a construção de sentido da referência dêitica em textos verbo-imagéticos através do diálogo entre imagem e expressões dêiticas, especificamente em cartazes que compõem campanhas socioeducativas. Foram selecionados e analisados os exemplares, observando a frequência com que ocorrem os tipos dêiticos. Por essa razão, houve a análise de um mesmo tipo dêitico mais de uma vez em alguns exemplares ou a coexistência de mais de um tipo dêitico no mesmo texto do *corpus* analisado.

Na última etapa da pesquisa, pretende-se responder aos questionamentos aqui propostos e cumprir com os objetivos iniciais. Os passos para prosseguimento da análise dos dados, baseados nos pressupostos teóricos de Martins (2019), Cavalcante (2000) e Ciulla (2002, 2008) foram: apresentação e descrição da composição multimodal dos cartazes de acordo com o contexto de produção e papel social dos interlocutores; identificação e análise dos elementos dêiticos conforme os critérios: ponto de origem para identificação do referente; caráter subjetivo e ostensivo da dêixis, observando a parte imagética do texto em conjunto com enunciado verbal e, finalmente, a descrição e análise das expressões dêiticas na construção do propósito comunicativo do gênero analisado.

4.3 Análise dos dados

Após o detalhamento dos procedimentos adotados que serviram como guia para este estudo investigativo, inicia-se a análise propriamente dita com a apresentação do primeiro exemplar do gênero cartaz (1) a seguir.

Figura 3 – Cartaz (1): Campanha socioeducativa contra a exploração sexual comercial infantojuvenil

Fonte: https://mpsc.mp.br/o-ministerio-publico/campanhas

O texto acima, produzido pela agência de publicidade D/Araújo, fez parte de uma campanha socioeducativa contra a exploração sexual comercial infantojuvenil do Ministério Público de Santa Catarina em 2013, devido ao crescente número de denúncias nos anos anteriores. O cartaz tem o propósito de sensibilizar e conscientizar a sociedade e incentivar a denúncia dessa prática, já que se acredita que a subnotificação ainda é um sinal de alerta para os números reais já elevados. A instituição é um organismo público que representa os direitos da sociedade e goza de prestígio na comunidade, o que confere a ela o argumento de autoridade.

Observa-se que o cartaz tem forte apelo visual, a parte verbal concisa mostrando uma frase de efeito “Se você viu, denuncie.” com uma fonte que se destaca. A função da linguagem apelativa fortemente presente, para o alcance dos objetivos do enunciador – que é levar o interlocutor a uma ação desejada, através do uso do verbo no imperativo singular. Além do pronome pessoal você. Na parte inferior do texto, uma ratificação do tema “Exploração sexual comercial infantojuvenil” e a frase também com função apelativa “Disque 100 e ajude a mudar essa realidade”. A marca do enunciador – que o identifica – também está presente, importante característica do gênero.

Na composição semiótica da figura (3), os elementos não verbais estão constituídos por um olho de cor clara com lágrimas, com as terminações nervosas aparentes, o que evidencia um possível choro e na pupila, assemelha-se ao reflexo de uma pessoa de boné (do sexo masculino) com a calça desabotoada, o zíper aberto e o cinto solto e na mão uma ou mais cédula(s) de R$ 50,00. Também pelo reflexo percebe-se que o homem está numa posição ou plano superior em relação à pessoa que está chorando e imediatamente à frente dela. No olho, não há rugas ou linhas de expressão, o que pode indicar se tratar de uma pessoa jovem. Ao mesmo tempo, no cartaz, o recorte aponta que a pessoa que chora está de frente para o interlocutor. A multimodalidade tem um papel primordial no estudo da referenciação em textos verbo-imagéticos. Ela fica evidente na escolha da fonte, na sua cor, tamanho e não somente na parte propriamente imagética e não-verbal. Essas múltiplas semioses que conversam e se imbricam no texto multimodal apontando para objetos do discurso, estejam eles aparecendo em linguagem verbal ou não-verbal, tem apoio nos trabalhos de Cavalcante e Custódio Filho (2010) e Cavalcante (2012).

Observe-se agora os elementos verbais dêiticos presentes no texto: o objeto de discurso “você”, classificado como dêixis pessoal e “essa realidade” como dêixis textual. O dêitico “você” é pessoal segundo a concepção de pessoa de Cavalcante (2000) devido à capacidade remeter à situação discursiva. No texto, o pronome aponta para a situação discursiva, que no caso se materializa na porção imagética. O caráter ostensivo da dêixis se apresenta no apontamento do pronome pessoal para o olho presente no texto que, na verdade, pode ser tanto a testemunha que viu a situação ou a própria vítima que viveu a

experiência. A subjetividade está justamente no fato de que o “você” pode ser todo interlocutor que venha a ler o texto, alguém que testemunhou e até mesmo alguém que já vivenciou o abuso, portanto muda a cada situação enunciativa, considerando que cada leitor, em contato com o interlocutor, constrói a sua própria interação. Neste momento, o eu (enunciador) e o tu/ você (interlocutor) são intercambiáveis.

Já a expressão “essa realidade” classifica-se como dêitico textual pelo fato de resumir uma porção textual e enfatizar o objeto de discurso. O referente do dêitico é a parte imagética, ou seja, há o apontamento para a situação retratada na parte não-verbal. Este apontamento é uma das características fundamentais da dêixis: a ostensividade. É um caso de dêitico textual, conforme Cavalcante (2000), com o uso típico de demonstrativo que destaca o trecho ao qual faz menção. A autora classifica a dêixis discursiva como um fenômeno maior e a dêixis textual como um subtipo, quando há a função metatextual em que o texto explica o próprio texto, o referente começa e finda no texto e está resumido numa expressão que o resgata ou introduz.

Cavalcante (2000) postula que quando há a presença de dêixis textual, sempre há também a anáfora, são casos híbridos. Interessante destacar que esse tipo de dêitico geralmente é relacionado à porção textual verbal, e aqui ele aponta para um texto visual. Pode, inclusive, ser considerado híbrido por “encapsular” uma espécie de narrativa visual, apontando como dêitico textual. Ademais, em textos de configuração verbo-imagética, não se sabe qual parte é lida primeiro pelo interlocutor: a verbal ou não-verbal. Se se considera que a porção imagética é lida primeiro, então a porção verbal “essa realidade” é uma anáfora. Por outro lado, se a parte verbal for lida primeiramente, será um caso de introdução referencial. O conhecimento já consolidado e ratificado por Cavalcante (2005) e Silva (2014) é que a dêixis perpassa os demais processos referenciais. Como não é o foco deste trabalho, o tema não será aprofundado.

À parte disso, é de extrema importância destacar que os propósitos comunicativos são alcançados graças à configuração do texto, à junção das partes verbal e não-verbal, à marca do enunciador, ao gênero em si mesmo e, por conseguinte, o uso dos tipos dêiticos colabora significativamente. Nesse primeiro texto, é possível observar a imagem chocante juntamente com as

expressões verbais certeiras, o argumento de autoridade do enunciador, a relação semântica das palavras escolhidas com a parte imagética, a carga de sentido de todo o texto para sensibilizar o leitor, as estratégias do próprio gênero (a argumentação, a originalidade, a sugestão através da repetição de termos) dão sentido ao texto. Todos estes elementos textuais, o contexto e o cotexto ratificam o papel social do enunciador e o propósito comunicativo do gênero.

O próximo exemplar do *corpus* é um cartaz do Ministério Público do Maranhão e fez parte de uma campanha socioeducativa de combate à violência contra o idoso, lançada no final de maio de 2017 para celebrar o Dia Internacional de Enfrentamento Contra à Pessoa Idosa (15 de junho). Foi produzida pela Coordenação de Comunicação do órgão com o intuito de alertar que a violência contra pessoas idosas não é somente caracterizada por agressões físicas e psicológicas, incluindo também abuso sexual, violência patrimonial e abandono e conscientizar a população sobre o tema. Novamente, evidencia-se o forte apelo imagético para alcance dos objetivos do enunciador.

Figura 4 – Cartaz (2): Campanha socioeducativa “Idade não é nada. Respeito é tudo!”

Fonte: https://www.mpma.mp.br/index.php/lista-de-noticias-gerais/13068-mpma-lanca-campanha-de-combate-a-violencia-contra-idosos

A figura (4) traz a fala de uma mulher idosa em destaque com uma imagem que busca sensibilizar, destacando a citação: “Passei os últimos dez anos sozinha nesse asilo.” Abaixo, vê-se a marca do enunciador, autor do texto, com suas redes sociais e a frase tema da campanha “Idade não é nada. Respeito é tudo! Denuncie a violência contra o idoso!”. Novamente a predominância da função conativa da linguagem através do convencimento do interlocutor a se comportar da forma esperada com o verbo no imperativo “Denuncie”.

Na semiose imagética do cartaz (2), vê-se uma mulher idosa, de aparência maltratada, cabelo levemente despenteado, vestindo uma camisa e uma calça – tendo uma perna da calça levantada até a altura do joelho, sentada de lado com as pernas cruzadas, de maneira despretensiosa, numa cadeira velha. Aparenta ser frágil possivelmente pela estrutura corporal magra e pequena. O ambiente parece abandonado, escuro, sujo, descuidado, com alguns objetos ao lado da porta. As cores das paredes denotam um lugar frio, escuro. A posição da imagem permite inferir que o interlocutor observa a uma meia distância.

A fala da senhora destacada entre aspas traz uma forte carga dramática ao texto como um todo e arremata o propósito comunicativo de sensibilizar o interlocutor. A partir da fala, percebe-se a quantidade tempo transcorrido, a desesperança, a desilusão por saber que possivelmente a situação não mudará. No texto, a expressão “os últimos dez anos” não necessariamente é um dêitico temporal, pois o leitor será capaz de compreender o texto mesmo sem saber em que tempo ele foi produzido, sem conhecer a *origo* temporal (*encoding time* e *decoding time*[14])

A expressão “nesse asilo” é um dêitico espacial. Além de apontar para um referente textual (especificamente para a parte imagética), é necessário, para que haja compreensão, conhecer a *origo* espacial do enunciador, ou seja, onde o enunciador está no momento de sua enunciação. O uso do demonstrativo “nesse” oferece o apontamento.

[14] *Encoding time* é o tempo em que a mensagem foi enviada e *decoding time* é o tempo em que ela foi recebida, segundo Fillmore (1997).

De forma prática, o apontamento da expressão dêitica do cartaz (2) é para a parte não-verbal. O enunciado adquire sentido completo quando se olha e compreende o texto por inteiro. O texto não deixa dúvidas sobre o referente “asilo”. Ainda que a parte não-verbal do cartaz seja ilustrativa, conforme afirma o próprio produtor do texto, é verossímil e pode representar situações reais já que o impacto do ambiente escuro e maltratado funciona como um recurso argumentativo e persuasivo, além de ampliar a condição subjetiva da mulher, que também é um ser maltratado, com uma vida “sem luz”.

Como não é possível precisar de que maneira exata o processo cognitivo de leitura do texto acontece: se primeiro a leitura da parte não-verbal e depois a verbal ou vice-versa, infere-se que independente disso, o objeto de discurso ‘asilo’ aponta para a imagem. O referente se construiu no texto como objeto de discurso a partir do uso do demonstrativo dêitico que o enunciador utilizou para guiar o interlocutor. A parte textual não-verbal representa um lugar físico não aconchegante, a cor de fundo também passa essa mensagem. A norma padrão do português relacionado ao uso dos demonstrativos postula que a diferença de uso não é apenas espacial, mas também temporal. Portanto, se o referente está próximo do falante, seja de forma espacial ou temporal, usa-se este(s) ou esta(s). Se o referente está mais próximo do coenunciador, espacialmente ou temporalmente, usa-se esse(s) ou essa(s). Outra forma de uso é para se referir a algo já mencionado anteriormente. No caso específico, uso do demonstrativo “nesse” em vez de ‘neste’ indica a passagem do tempo no discurso, o tempo físico transcorrido em conformidade com o uso do verbo no pretérito perfeito e a confirmação de 10 (dez) anos desde a chegada ao espaço físico construído no texto como referente do dêitico “nesse asilo”.

O cartaz (3) compôs uma campanha socioeducativa realizada pelo Tribunal de Justiça do Maranhão em maio de 2014, em virtude do Dia Internacional da Luta contra o Uso e o Tráfico de Drogas, celebrado no país como o Dia Nacional de Combate às Drogas, que é celebrado todo 26 de junho. O Poder Judiciário, por meio do Tribunal de Justiça, desenvolveu a campanha “Jogue contras as drogas” com o objetivo de sensibilizar e alertar sobre a responsabilidade do público (sociedade) no resgate de crianças viciadas em drogas. A imprescindibilidade da campanha deve-se ao fato de que no ano

anterior, segundo o Ministério da Justiça, entre os usuários regulares de crack, 14% eram crianças e adolescentes. O cartaz compara duas situações por meio de imagens e das frases: “Este craque tem futuro!” e “Este crack, não...”.

Figura 5 – Cartaz (3): Campanha socioeducativa “Jogue contra as drogas”

Fonte: https://www.tjma.jus.br/midia/portal/noticia/405853

Na parte inferior, além das marcas do enunciador e telefone de contato, acompanhando o título da campanha, há uma frase: “Entre neste time. Você também é responsável.” Uma vez mais o enunciador fazendo uso do verbo no imperativo para envolver na situação comunicativa e incitar o interlocutor na tomada de uma atitude esperada.

A porção não-verbal do texto está constituída por duas (2) partes: na primeira vê-se um menino de costas vestido com o uniforme de um jogador de futebol e uma bola num campo diante de um caminho estreito que vai até o horizonte, assim como o próprio campo. O uniforme do jogador tem o número três (3) estampado atrás. Naquele ano, o jogador que utilizava essa camisa era Thiago Silva. O futebolista era considerado um craque, antes mesmo do início da Copa do Mundo de Futebol. É válido lembrar que em 2014, o evento de futebol mais importante do mundo foi sediado no Brasil. O título da campanha também faz alusão a um jogo de futebol “Jogue contra as drogas”.

Na parte inferior do cartaz, há outra criança sentada numa calçada, encostada num muro, com um recipiente numa mão próximo ao rosto, que está borrado, por se tratar de um menor. A outra mão parece estar segurando algo, que, a partir do contexto de produção e situação discursiva, infere-se que é um cachimbo utilizado para fumar crack. O menino usa camiseta, bermuda e chinelo.

Além disso, as cores, tamanho e formato da fonte destacam o que o enunciador quer enfatizar. Observe-se o trecho “Combate às Drogas” em destaque na cor vermelha e os dizeres também em destaque “Craque tem” e “Crack, não”. Todos estes aspectos multimodais (além das imagens) do texto são fundamentais para o alcance do propósito comunicativo.

Na semiose verbal do cartaz, os trechos: “Este craque” e “Este crack não” tratam-se de dêiticos textuais, com referentes diferentes. O objeto de discurso de cada frase aponta para a imagem, evidenciando sempre a ostensão, como característica elementar do fenômeno dêitico, além da subjetividade da dêixis (também característica do fenômeno), posto que o referente pode mudar a cada nova situação enunciativa. O enunciador fez um jogo com as palavras “craque” e “crack” que são homófonas. Verifica-se também o dêitico textual “neste time” resumindo a porção textual imediatamente anterior: “Jogue contra as drogas”,

que é o título da campanha e todo o texto do cartaz que culmina no próprio nome da campanha. Ademais, o dêitico pessoal “você” em “Você também é responsável” aponta para o interlocutor e o coloca como ator na situação enunciativa a partir do momento que se evoca o leitor e ao mesmo tempo o convoca. O uso deste dêitico intenciona envolver mais ainda o leitor na tentativa de que haja o comportamento esperado e, dessa forma, perceba o seu papel enquanto parte da sociedade.

O referente da primeira ocorrência “este craque” é o menino jogando futebol no campo, já o da segunda ocorrência “este crack” é a droga, a situação em que criança está consumindo a droga. Ambas as situações são classificadas como dêixis textual pelo fato de resumirem uma porção do texto, de provocar um direcionamento de atenção para o que o enunciador deseja focalizar.

A peculiaridade da dêixis textual é que a situação não acontece num espaço físico real, mas sim dentro do texto. A escolha do demonstrativo “este” em ambos os casos, marca o referente, em relação à pessoa que fala como próximo, seja espacialmente ou afetivamente, no intuito de aproximar o interlocutor da situação enunciativa. A categoria de uso dêitico relacionada à mostração, no texto, é anafórica por resgatar o objeto de discurso sem a necessidade de se conhecer a origem do enunciador, conforme Fillmore (1997). A *origo*, no caso do dêitico textual, é o próprio enunciado, é o próprio texto.

A compreensão do cartaz (3), assim como nos demais objetos de investigação, passa pelo conhecimento enciclopédico da realidade social do país, não somente no momento de produção do texto, que as drogas são um problema de saúde pública desde décadas anteriores. Koch (2018) postula que o enunciador/ interlocutor faz uso de estratégias para o processamento do texto: cognitivas, sociointeracionais e textualizadoras. As conclusões do leitor processo de leitura do cartaz é um exemplo de estratégia cognitiva. A escolhas do enunciador, ao fazer um jogo com as palavras “craque” e “crack”, é um tipo de estratégia textual. Todo o contexto social de produção e divulgação desse cartaz (a Copa do Mundo no Brasil, o alto percentual de crianças e jovens envolvidos com drogas) permite ao interlocutor a interação com o enunciador que é concepção de texto adotada pela Linguística Textual.

Figura 6 – Cartaz (4): Campanha socioeducativa de combate à violência contra a mulher

Fonte: http://mulheresacorrentadas.blogspot.com/2010/06/por-que-os-homens-batem-nas-mulheres.html

A figura (6) trata-se de um cartaz de campanha socioeducativa de combate à violência doméstica, promovida pelo Governo do Distrito Federal, em 2010. Eram ações promovidas por meio de cartazes e outdoors, numa época em que não há registros de divulgação no site oficial do órgão ou em redes socias. O intuito do texto foi de conscientizar o público-alvo (a mulher que sofre violência doméstica ou testemunha) para a importância de se fazer a denúncia nos órgãos de proteção à mulher.

A porção imagética do texto compõe-se da metade do rosto de uma mulher, de semblante triste, com o olho esquerdo lacrimejando com um hematoma protuberante, nariz escorrendo sangue e pescoço em tom arroxeado. O cabelo e a roupa podem reforçar a ideia de que a violência aconteceu num ambiente doméstico. A mulher está em frente a uma parede suja olhando fixamente para o interlocutor. Ao lado a frase: “Ainda tem homem que trata assim

sua cara metade” e abaixo: “Nada justifica um homem agredir uma mulher. E se ela é a pessoa que ele escolheu para viver junto, nem se fala. Quando uma mulher sofre qualquer tipo de agressão, ela não sofre sozinha: sofrem os filhos, os familiares, os amigos. Se você for vítima ou souber de algum caso de violência contra a mulher, denuncie.” Mais abaixo e no canto direito, as marcas do enunciador e o contato telefônico para denúncia. O fato de aparecer apenas metade do rosto da mulher faz referência ao conhecimento enciclopédico do interlocutor, subentende-se que todos conheçam a expressão “cara-metade”, que dá a ideia de que todas as pessoas têm alguém que vai completá-las, deixa-las inteiras[15]. Esta inferência é confirmada pela porção verbal do texto que utiliza a expressão mencionada.

A parte verbal do cartaz (4), traz o dêitico modal “assim”. Dêitico por apontar para o referente: a situação vivida pela mulher e porque sem a parte imagética, o sentido ficaria comprometido. Há, portanto, a necessidade de conhecer os elementos da situação comunicativa, a *origo* da dêixis: sujeito, tempo e espaço de enunciação. Conforme Fonseca (1989), a expressão “assim” é característica da dêixis modal. Porém outros tipos de palavras também podem indicar o fenômeno. É uma derivação da dêixis *ad óculos*, porém não necessariamente há o contato visual. Nesse caso em questão, sim. O apontamento é para a parte não-verbal, independente de como se deu o processo sociocognitivo de leitura: se a parte verbal foi lida antes da não-verbal ou o contrário. Há também o dêitico pessoal “você” apontando para o referente, que está na porção imagética do texto, ratificando novamente o objeto de discurso (a mulher vítima de violência doméstica).

Verificou-se a ostensividade na expressão “assim” por direcionar o olhar do interlocutor para a situação retratada na imagem: uma mulher agredida pelo companheiro/ cônjuge, que ela provavelmente acreditava ser sua “alma gêmea”.

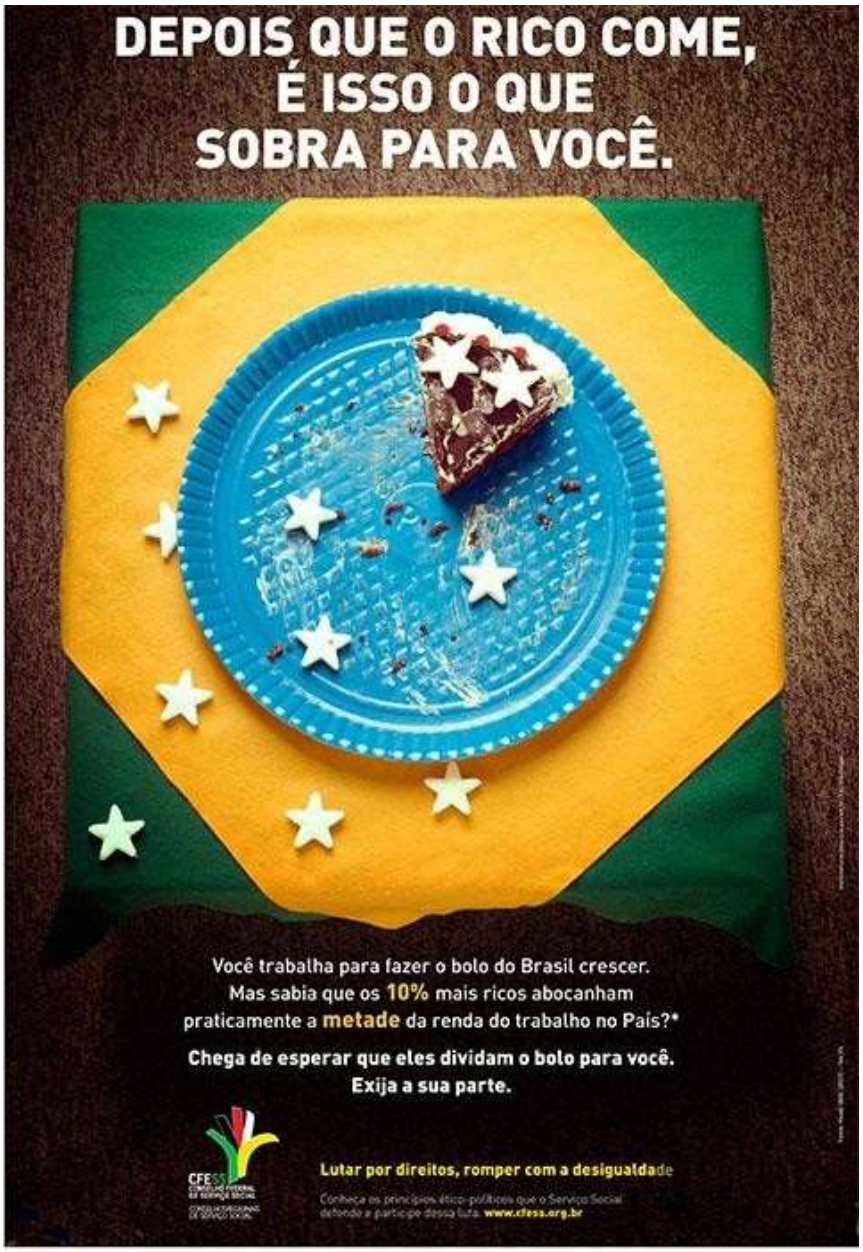
---

[15] *“De acordo com a mitologia grega, os seres humanos foram criados originalmente com quatro braços, quatro braços e duas cabeças com duas faces. Temendo do seu poder, Zeus dividiu-os em dois seres separados condenando-os a gastar sua vida em busca de sua outra metade.”* Disponível em https://aminoapps.com/c/explicando-inexplicavel/page/blog/mitologia-grega-alma-gemea/d3mq_xwQhbuE4vXzEqN42d8Qq5ZZEKVkRlN

Defende-se que o uso dêitico nesse ato comunicativo é gestual já que o monitoramento da situação vem por meio da parte não-verbal.

Está claro que o alcance do propósito comunicativo do enunciador é devido a uma junção de elementos textuais (verbais e imagéticos) aliado ao esperado conhecimento de mundo do interlocutor, além do linguístico e interacional.

Figura 7 – Cartaz (5): Campanha socioeducativa "Chega de esperar que eles dividam o bolo por você. Exija a sua parte."



Fonte: http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/304

O cartaz (5) foi parte de uma campanha socioeducativa contra a concentração de riqueza no país realizada pelo Conselho Federal de Serviço Social, em setembro de 2009, lançada num evento nacional de assistentes sociais[16]. A divulgação da campanha deu-se através de banners, cartazes, cartões-postais e peças de rádio. O objetivo do texto foi o de promover reflexões sobre a desigualdade social no país e lutar contra a concentração de riquezas.

Na parte imagética da figura (7) vê-se de cima uma mesa com toalhas verde e amarela sobrepostas, um prato de bolo azul e sobre ele um pequeno pedaço de bolo. Algumas estrelas brancas na mesa, no bolo e no prato. Tudo fazendo alusão à bandeira do Brasil, representando-a. Na parte superior do cartaz há uma frase: “Depois que o rico come, é isso o que sobra para você.” Abaixo, com informações do Pnad/ IBGE (2007): “Você trabalha para fazer o bolo do Brasil crescer. Mas sabia que os 10% mais ricos abocanham praticamente a metade da renda do trabalho no País?” Logo abaixo o título da campanha, o lema da gestão do Conselho: “Lutar por direitos, romper com a desigualdade”. Há ainda, na parte inferior, as marcas de produção do enunciador do texto, uma característica típica do gênero.

Verificou-se a ocorrência de dêixis textual no elemento dêitico “isso”. Neste exemplo, percebe-se o apontamento do termo para o referente imagético da situação enunciativa: o pedaço de bolo no prato sobre a mesa, representando que de um bolo inteiro, o que sobra para o interlocutor, é muito pequeno. É uma situação figurada para representar a distribuição de renda no país. O dêitico textual tem como característica localizar uma porção textual dentro do contexto. O referente é toda a situação imagética que verbalmente aparece resumida pelo demonstrativo “isso”. Ele dá continuidade ao texto, resgatando ou introduzindo o objeto de discurso.

Além disso, o dêitico pessoal “você” aparece algumas vezes, ratificando a interação com o interlocutor. A subjetividade vista por autoras, como Cavalcante (2000), como característica típica do processo referencial dêitico se confirma sabendo que cada leitor será um ‘você’ diferente, constituindo dessa forma, uma nova situação enunciativa. Cada interlocutor constrói o sentido à sua

[16] 38º Encontro Nacional do Conselho Federal de Serviço Social e Conselho Regional de Serviço Social

maneira, segundo sua bagagem sociocognitiva. Cabe destacar que o discurso já delimita a porção do público a que se destina: os desfavorecidos, pobres, não ricos. A semiose verbal e imagética do gênero contribuiu para o alcance do proposito comunicativo do produtor do texto: chamar atenção para a má distribuição de renda e a desigualdade social e gerar o comportamento esperado.

Figura 8 – Cartaz (6): Campanha socioeducativa de conscientização para o distanciamento social “Teresina em casa”

Fonte:https://www.facebook.com/prefeiturateresina/photos/a.352565974850823/2786088108165252

O cartaz acima fez parte da campanha socioeducativa “Teresina em casa” realizada pela Prefeitura Municipal de Teresina, no início de abril de 2020, devido

à pandemia do novo coronavírus, causador da doença COVID-19, transmitida pelo vírus SARS-CoV-2. A campanha gerou repercussão nacional, aparecendo em jornais eletrônicos da região Sudeste do país, devido ao recurso imagético utilizado. O propósito do enunciador era conscientizar o interlocutor a ficar em casa, cumprir o distanciamento social e, assim, evitar a contaminação e/ ou disseminação do vírus[17]. No entanto, o isolamento na cidade só diminuía. Nesse contexto, surgiu a campanha “Teresina em casa”.

A figura (8) mostra duas metades: uma de um caixão e a outra metade é um sofá, com pés exatamente iguais. O sofá de cor clara combinando com o plano de fundo do cartaz e com a parte interna do caixão. Abaixo, a frase: “Em qual desses você prefere ficar?” Na parte mais inferior do cartaz, o título da campanha e a marca do enunciador.

Nesse texto foi verificada a ocorrência de um dêitico espacial, apontando para a porção não-verbal: “desses”. O demonstrativo se refere ao sofá e ao caixão. Ou seja, são dois objetos de discurso diferentes. O enunciador oferece ao interlocutor a escolha entre duas opções: viver ou morrer. O sofá significa a permanência em casa, com segurança durante o distanciamento, o que impediria a contaminação e o risco de perder a vida. Já o caixão indica a escolha de sair de casa, o risco de contágio e morte. A constatação de que é uma dêixis espacial ocorre no momento em que se percebe que é fundamental conhecer a *origo* do enunciador (o espaço da enunciação) para a construção de sentido. Neste caso, a origem é espacial pois o referente são lugares metafóricos. O interlocutor necessita da parte imagética para que a comunicação se efetive e destarte, o propósito comunicativo seja alcançado.

O recurso imagético foi essencial para que não houvesse comprometimento do sentido e efetivação do propósito comunicativo do texto e da campanha. O pronome pessoal “você” também é um exemplar de dêixis – pessoal – embora não haja apontamento para a porção imagética, e sim para o interlocutor. Sabe-se que, dada a pessoalidade do fenômeno dêitico, o interlocutor muda a todo momento, gerando uma nova situação comunicativa,

[17] O distanciamento social começou em meados de março na maior parte dos estados brasileiros, com a curva de contágio em ascensão. No final do mês, já havia quase 5 mil pessoas contaminadas espalhadas por todos os estados e Distrito Federal. Entre os infectados, havia quase 170 mortos.

ratificando mais uma vez a noção de pessoa de Benveniste (1988). O autor reconhece na categoria de pessoa apenas a primeira (eu) e a segunda pessoa (tu, você) que se referem diretamente ao indivíduo no ato comunicativo.

O próximo cartaz (7) compôs a campanha socioeducativa da Concessionária MGO Rodovias, atualmente chamada Eco050. Foi realizada em agosto de 2018 com a intenção de alertar para o risco de incêndios às margens das rodovias e para conscientizar os usuários do trecho administrado pela rodovia o quanto a ação humana é importante para evitar queimadas. Tradicionalmente no segundo semestre, também por causa do tempo seco, porém especialmente pela ação humana, o número de focos de incêndio aumenta bastante. A fumaça dos incêndios diminui a visibilidade do motorista, podem provocar acidentes, além do risco de inalação.

Figura 9 – Cartaz (7): Campanha socioeducativa de conscientização ao combate de incêndios

Fonte: https://gazetadotriangulo.com.br/noticias/concessionaria-alerta-para-risco-de-queimadas-as-margens-da-br-050/

O cartaz mostra, em primeiro plano, o resto de um cigarro aceso amassado, pronto para ser descartado, o que se conhece por bituca. Cabe mencionar o tamanho desproporcional da bituca em relação aos demais elementos verbais e imagéticos, chamando a atenção de maneira imediata. Ao fundo uma estrada de sentido único, margeada por área verde em ambos os lados. No lado esquerdo da figura, aparece à margem da estrada no chão, a bituca do cigarro. O cigarro é grande e ocupa o centro do cartaz formando um ponto de interrogação desde a estrada até o céu. Na parte superior, há uma frase: “Sabe aquela bituquinha? Ela pode virar um problemão!”. Ao lado do cigarro: “Evite incêndios. Bituca é no lixo!”. Na parte inferior: “Ao avistar fumaça ou foco de incêncio, ligue 0800 940 0700.”

O processo semiótico da figura (9) constitui-se com a “interação” entre a porção verbal e não-verbal, devido também ao uso da dêixis de memória. O enunciador no trecho “aquela bituquinha” convida o coenunciador a buscar na memória um conhecimento compartilhado sobre um objeto de discurso que não aparece expresso no texto, é uma referência ausente. O uso do demonstrativo “aquele” denota um distanciamento temporal e memorial do referente, indica uma situação anterior ao tempo do enunciado no texto. Conforme Ciulla (2002), na dêixis de memória, o referente pode ser encontrado no campo dêitico da memória e não citado em outra parte do texto. A ostensividade se demonstra através da representação do que seria a “bituquinha”: cigarro amassado e aceso em primeiro plano. Percebe-se também a função conativa da linguagem, com o uso dos verbos no imperativo para gerar o comportamento esperado no coenunciador.

O uso dos sufixos (diminutivo e aumentativo) em “bituquinha” e “problemão” contribuem para a construção de sentido por levarem o interlocutor a inferir que algo tão pequeno pode gerar grandes transtornos. Além disso, apesar de o enunciador se referir à bituca usando o diminutivo, imageticamente percebe-se uma relação antônima entre a palavra e a imagem - a “bituquinha” e o cigarro enorme. A representação imagética da bituca é hiperbólica de maneira proposital.

Figura 10 – Cartaz (8): Campanha socioeducativa de prevenção ao suicídio

Fonte: https://www.instagram.com/p/BK9R46_ANq-/

O cartaz (8) compôs a campanha socioeducativa anual do Tribunal de Justiça do Maranhão para prevenção e combate ao suicídio. Foi realizada durante o mês de setembro de 2016, em razão da campanha nacional Setembro Amarelo, idealizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria em parceria com o Conselho Federal de Medicina. Anualmente, no Brasil, são cerca de 12 mil suicídios e quase 1 milhão no mundo. Portanto, o propósito da campanha é trazer à luz a discussão do tema suicídio, prevenir e reduzir esses números. O mês de setembro foi escolhido por ser celebrado em 10 de setembro o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio.

No campo da semiótica imagética, vê-se bonecos de louça brancos ao fundo e no primeiro plano, um vermelho e um amarelo. A escolha das cores não é aleatória, já que é sabido que o amarelo foi escolhido para representar a

causa[18]. A origem do uso da cor é devido à morte de um jovem, na década de 1990, por suicídio, que desencadeou um movimento organizado pelos amigos, que produziram cartões e fitas amarelas para distribuir pela comunidade. Os bonecos coloridos estão abraçados indicando acolhimento. Na parte superior, a frase: “Uma atitude pode salvar uma vida”. A palavra “vida” está em destaque enfatizando o foco da campanha: a valorização da vida. No canto inferior direito, a frase: “Viva por nós” acompanhada do laço amarelo, símbolo da campanha e sigla da instituição que apoia a iniciativa com o telefone. Ao lado, a marca de produção do enunciador com suas redes sociais.

Verificou-se a ocorrência de dêixis textual no termo “uma atitude”. Diferente do que se pode pensar, a dêixis textual não acontece apenas pelo uso de advérbios e demonstrativos, mas também de substantivos. Por isso, observa-se a existência de dêixis textual apontando para a porção imagética do texto, especificamente por meio dos bonecos abraçados. Há o apontamento para a parte do texto que o enunciador deseja destacar, o foco da atenção é direcionado, a partir do uso dêitico, para a parte não-verbal do cartaz. Há também um caso de dêixis pessoal com o uso do pronome pessoal “nós”. Ele aponta para o referente sociedade – o enunciador e todos os coenunciadores. Imageticamente, “nós” é representado pelos bonecos coloridos em primeiro plano e pelos brancos ao fundo.

O último texto constituinte do *corpus* desse trabalho traz novamente o tema da violência doméstica contra a mulher. Foi produzido, em agosto de 2019, também pelo Tribunal de Justiça do Maranhão, como ação do Poder Judiciário do estado. O órgão instituiu um programa de prevenção e enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher, chamado “Desperta, Maria”. Como forma de divulgar o programa, foi criada uma campanha institucional nos canais internos de comunicação. Seu propósito comunicativo é incentivar trabalhadoras do tribunal a denunciarem situações de violência doméstica e familiar que estejam vivenciando ou que tenham conhecimento. O Brasil é o

[18] A origem do uso da cor é devido à morte de um jovem, na década de 1990, por suicídio, que desencadeou um movimento organizado pelos amigos, que produziram cartões e fitas amarelas para distribuir pela comunidade.
Disponível em: https://gntech.med.br/blog/post/origem-setembro-amarelo-prevencao-suicidio

5º país com maior taxa de assassinatos no mundo, em um *ranking* com 83 países.

Figura 11 – Cartaz (9): Campanha socioeducativa de combate à violência doméstica contra a mulher

Fonte: https://www.facebook.com/tjmaoficial/photos/vamos-promover-a-paz-em-casa-n%C3%A3o-%C3%A9-normal-algu%C3%A9m-que-diz-que-ama-usar-de-viol%C3%AAnc/2059814594119684/

O cartaz (9), como parte das iniciativas do Agosto Lilás – foi escolhido o mês de agosto por ser o aniversário de Maria da Penha, que deu nome à lei que trata da violência doméstica, é lilás e traz uma mulher ao fundo com uma fita adesiva tapando sua boca como sinal de silenciamento. A mulher tem uma expressão negativa no rosto. Ao lado do rosto, a citação: "Você é burra! Não entende nada!". Do lado oposto, a frase: "Não é normal, alguém que diz que ama, usar de violência." Na parte inferior do cartaz, as marcas do enunciador, o nome do programa e a frase: "Denuncie! Ligue 180"

Constatou-se o uso do tipo dêitico mais básico entre os elencados nesse trabalho: a dêixis pessoal, segundo Cavalcante (2000), devido ao grau de deiticidade. O uso do pronome "você" comprova isso. É a dêixis mais subjetiva, mais pessoal, posto que cada coenunciador é um 'você' diferente. Conforme Lahud (1979), "o referente do dêitico é um lugar vazio". Isso implica dizer que todos os possíveis interlocutores para os quais o texto faça sentido podem

ocupar o “você. A ostensão fica por conta do direcionamento para a parte imagética do texto. A frase “Você é burra!” tem um objeto de discurso claro no cartaz, ao mesmo tempo em que aponta para a porção imagética, também dialoga com o interlocutor, já que o público-alvo da campanha são todas as pessoas que possam fazer a denúncia. A sequência “Não entende nada!” reforça a fala anterior. Observa-se o uso do discurso direto por meio da frase, entre aspas, enunciada por um sujeito que representa a figura do homem machista. O contexto remete a um ambiente violento – entende-se violência num sentido mais amplo que apenas o físico[19], a porção verbal reforça a parte imagética do texto. Por fim, o verbo no imperativo reiterando a função apelativa, com a intenção de produzir um comportamento no coenunciador.

Através das análises, fica patente que o fenômeno referencial dêitico também acontece em textos verbo-imagéticos e, neles, observa-se a ostensividade – principal característica da dêixis. Há o apontamento para a parte imagética do texto, ou seja, o referencial mencionado na parte verbal aparece representado na porção imagética. A subjetividade, outra característica do processo referencial, também se concretiza em textos dessa composição, inclusive o grau de deiticidade a que se referiu Cavalcante (2000). A constatação da construção da dêixis nos textos através das expressões que continham elementos dêiticos, da relação entre as porções verbal e não-verbal dos textos confirmam os objetivos traçados para esta pesquisa.

Finalizadas as análises do corpus constituído como objeto de investigação, serão feitas as considerações finais.

[19] Para Pierre Bourdieu, sociólogo francês, o poder simbólico pode culminar na violência simbólica, que é cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem a pratica, sem que, frequentemente, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo. Ela se infiltra na nossa cultura, é a mola propulsora de todas as outras violências.
Disponível em: https://naomekahlo.com/o-poder-simbolico-e-a-violencia-simbolica/

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho, de natureza bibliográfica, descritiva e exploratória, foi investigar a construção da referência dêitica em textos mistos a partir da análise da relação estabelecida entre as porções verbal e imagética do texto, analisar a composição multimodal dos cartazes, descrever os elementos dêiticos presentes no texto, conforme a classificação dêitica e sua caracterização e analisar as funções discursivas das expressões dêiticas no propósito comunicativo do cartaz de campanha socioeducativa. Para tanto, o ponto de partida foram os pressupostos teóricos da referenciação, a noção de texto do sociocognitivismo, a concepção de gênero e as características do gênero eleito como foco da investigação.

Na tradição dos estudos dêiticos, a ocorrência principal do fenômeno era em textos de natureza verbal. Em um passado recente, a diversidade de análise dos processos referenciais abarcava apenas a porção verbal dos textos, ainda que houvesse também parte imagética, muitas vezes, não havia nenhuma menção a ela. No entanto, partindo da constatação de outros fenômenos referenciais em textos verbo-imagéticos, inclusive a própria dêixis, e da caracterização do fenômeno referencial dêitico como subjetivo e ostensivo, verificou-se que, com certa frequência, há textos de configuração mista em que são percebidos alguns tipos dêiticos.

Para tanto, foram coletados e selecionados textos verbo-imagéticos em que havia a constatação do elemento dêitico. A partir disso, foi observado que, de fato, as semioses verbal e imagética imbricam-se e, destarte, há o apontamento da porção textual para a porção imagética, constituindo-se um elemento fundamental para a construção de sentido e alcance dos propósitos comunicativos do enunciador. O processo referencial dêitico acontece também em textos verbo-imagéticos não somente através de expressões verbais, mas também pela ostensividade, estabelecendo, dessa maneira, uma relação fundamental entre as porções verbal e não-verbal do texto.

Alguns tipos dêiticos são mais frequentes que outros em textos verbo-imagéticos, especificamente no gênero cartaz de campanha socioeducativa. As

dêixis pessoal e textual foram encontradas repetidas vezes, em contrapartida não houve registro no *corpus* coletado de dêixis fictiva, temporal e social, embora sejam tipos dêiticos bastante comuns. Cabe ressaltar que o fato de ser um texto misto não implica que haverá sempre dêixis ou que suas duas principais características estarão notadamente marcadas: a ostensividade e subjetividade.

Estudos apontam que a dêixis perpassa os demais processos referenciais, ou seja, na ocorrência do fenômeno dêitico, há sempre anáfora ou introdução referencial. Assim sendo, da mesma forma, a dêixis corrobora com a coerência e coesão textual produzindo, nos textos analisados, os efeitos de sentidos decorrentes da orientação do interlocutor no texto (com a instauração da *origo* eu-aqui-agora), menção referencial e apelo ao conhecimento compartilhado.

O gênero cartaz passou por mudanças significativa ao longo do tempo. Na sua origem, era apenas verbal feito em pedras, depois passou a ter recursos visuais coloridos, até chegar ao papel na forma como se conhece hoje, repleto de recursos multimodais. É um gênero do domínio discursivo publicitário, tendo sido utilizado para fins históricos, políticos, artísticos, econômicos, sociais, entre outros.

O enunciador faz uso de uma série de técnicas para convencer e estimular o coenunciador, independente dos objetivos do texto. Algumas dessas técnicas são perceptíveis no cartaz de campanha socioeducativa: o uso da função de linguagem conativa por meio de verbos no imperativo, repetição de palavras do mesmo campo semântico, forte apelo visual para sensibilizar o interlocutor e argumentos que promovam reflexão e a ação desejada pelo autor do texto.

A dialógica entre enunciador e interlocutor está assentada na concepção de texto como fruto da interação, construção conjunta de sentidos e significados. O texto visto como ente multifacetado demanda saberes linguísticos, enciclopédicos e interacionais, além de conhecimentos que se supõe serem compartilhados, o sujeito recorre a toda sua bagagem cognitiva num processo tão complexo que pode demorar apenas milésimos de segundos.

Os estudos de gênero levam à compreensão para além do tripé bakhtiniano: estilo composicional, forma e conteúdo. A definição e distinção,

tênue em alguns casos, entre gênero e texto, suporte, tipo textual, forma e domínio discursivo. Permite compreender que os gêneros não existem isolados, estão sempre se relacionando, o que leva à intergenericidade e à origem de novos gêneros em domínios discursivos mais flexíveis.

Baseado em todo esse suporte teórico, as análises tiveram o intento de observar os efeitos de sentido, o contexto social de produção e recepção do gênero cartaz de campanha socioeducativa, além do papel social dos interlocutores, a instauração da origem da dêixis no texto e seus traços principais.

Esclarece-se que a teoria dêitica apesar de pequena é bastante profícua, portanto, este trabalho não tem a intenção de esgotar as pesquisas no ramo. Pelo contrário, espera-se que sirva de combustível e ponto de apoio para investigações futuras como modo de avançar nos estudos da dêixis, na perspectiva da referenciação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina K. Cartaz Publicitário: um resgate histórico. **VIII Encontro Nacional de História da Mídia**, Unicentro, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Mari Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDARI**,** Sérsi**. A função dos dêiticos na organização do texto**, 2011. Disponível em: http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2011/08/A-função-dos-dêiticos-na-organização-do-texto.pdf

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, Charles. Gêneros textuais, 2011. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-YFBvrVLF5I&ab_channel=nigufpe. Acesso em: 10 de julho 2020.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Editora da USP, 1976.

BEZERRA, Benedito. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões (meta) teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BUHLER, Karl. **Teoría del lenguaje**. Madrid: Revista de Occidente, 1950.

CAVALCANTE, Mônica. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

_____. **Anáfora e dêixis**: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore G.V.; MORATO, Edwiges; BENTES, Anna C. (orgs.). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**. Piauí, v.12, n.2, 2010.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CIULLA, Alena. **A referenciação anafórica e dêitica** – com atenção especial para os dêiticos discursivos. 2002. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

_____. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

_____; MARTINS, Mayara A. Um estudo sobre classificações de tipos dêiticos. **Revista de Letras - Centro de Humanidades**. Fortaleza, v.2, n. 36, jul./dez. 2017.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese de doutorado UFVE, 2011.

FONSECA, Irene. **Dêixis, tempo e narração**. Porto: Fund. Eng. António de Almeida. 1989.

FILLMORE, Charles J. **Lectures on deixis**. California: CSLI Publications, 1997.

FIX, Ulla. O cânone e a dissolução do cânone. A intertextualidade tipológica – um recurso estilístico "pós-moderno"? **Revista Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 14. n. 1, jan./ jul. 2006.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London, New York: Routledge, 2006.

KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, v. 41, p. 75-90, 2011.

_____; FÁVERO, Leonor L. **Linguística Textual**: Introdução. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____; ELIAS, Vanda M. **O texto na linguística textual**. In: BATISTA, Ronaldo de O. (org.). O texto e seus conceitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

_____. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LEAL, Abniza P. de B. **O processo referencial da dêixis**: por uma proposta de recategorização. 2015. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

LYONS, John. **Sémantique linguistique.** v.2. Canada: Librairie Larousse, 1977.

MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz? 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARTINS, Gilberto de A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 2013.

MARTINS, Mayara A. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MOLES, Abraham A. **O cartaz**. Tradução Miriam Garcia Mendes. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. **Construção dos objetos de discurso e categorização**: Uma abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (orgs). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2017. p. 17-52. (Clássicos da Linguística).

SILVA, Walleska B. **A referenciação em textos verbo-imagéticos**. 306 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SOUSA, M. F. A **organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará**. 2005. 214 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.